

Soc. 17

2004

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Dissertação Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos para a
Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia pela UEM

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA “MENDICIDADE DE
SEXTAS-FEIRAS”: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS
SOCIAIS RELACIONADAS COM A MENDICIDADE NA
CIDADE DE MAPUTO**

Autora : Rehana Dauto Capurchande

Supervisor: Prof. Doutor Alísio Macamo

Maputo, Setembro de 2004

U.E.M. - UFICS	
R. E.	4477
DATA	14 / 09 / 05
ADQUIÇÃO	oferta
COTA	

FOLHA DE ROSTO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MENDICIDADE DE SEXTAS-FEIRAS:
UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS RELACIONADAS COM A
MENDICIDADE NA CIDADE DE MAPUTO

Por

Rehana D. Capurchande

Rehana Dauto Capurchande

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Sociais na
Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção do
grau de licenciatura em Sociologia.

Supervisor: Prof. Doutor Elísio Macamo _____

Maputo, Setembro de 2004

Declaração

Declaro que o presente trabalho de fim de curso nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e, que este constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Rehana Dauto Capurchande

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à memória do meu Pai, **Nurdine Dauto Capurchande**, cuja vida despertou em muitas criaturas o sentido profundo da dignidade humana. Para mim, que partilhei do convívio da sua existência serena, ele continua vivo. É com muito amor, carinho e gratidão que lhe dedico este trabalho, sobretudo por ter inculcado na minha mente o devido interesse pelo ABC. **Que Alláh lhe dê Jannat.**

Rehana Capurchande

Á memória de **Victor Carlos Djedje**,
colega e amigo, do 4º ano de
Licenciatura em Sociologia, falecido a 3
de Maio de 2003. Que Deus guarde o
"six element".

Agradecimentos

O meu mais profundo obrigado pela dedicação e compreensão demonstradas pelo meu supervisor, Prof. Doutor Elísio Macamo, ao longo deste trabalho. Agradeço sobretudo toda a disponibilidade e atenção dispensadas na orientação teórico-metodológica e a forma serena como aturou as incertezas que alimentei. Devo muito as suas análises críticas que muito contribuíram para a forma e conteúdo deste trabalho. O seu bom sentido de humor que se reflectia sobretudo em algumas dessas análises críticas, por vezes, de forma "irónica" ajudaram-me e incentivaram-me a trabalhar cada vez mais.

O meu preito também aos Professores, Dr. Álvaro Francisco, Doutora Teresa Cruz e Silva, Dr. Manuel Macie e ao Dr. Filimone Meigos, pelas análises críticas, recomendações metodológicas e bibliográficas.

Tenho uma grande dívida para com a minha família, em especial, à minha mãe, Fátima, aos meus irmãos, Momade, Nilza, Sadat, Abubacar, Cassimo, Dauto e Ibraímo e, aos meus sobrinhos Edmen, Jacira e Chélsa, pelo amor, carinho e compreensão que sempre me dedicaram.

À turma de Sociologia, em particular, aos colegas de grupo, Rogério, Baltazar, David, Ana Mariza, Massassa e Sheila pela força e compreensão que me deram ao longo do curso e no decorrer de todo período de trabalho.

Quero também agradecer aos meus amigos que se seguem especialmente pelas diferentes formas em que me ajudaram. Devo muito ao Danúbio (colega de grupo no Bacharelato em Ciências Sociais). Norton, Victor e Lázaro que dedicaram muito do seu precioso tempo, em particular nas análises críticas e recomendações bibliográficas. Aos funcionários da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, em particular ao Sr. Magagule, Sr. Tovele e Benvinda pelo todo tipo de apoio que me prestaram.

O meu muito obrigado vai para as minhas amigas Deodete e Zerelda, pelo carinho que sempre me deram e, também para os meus amigos da Residência Universitária (*Tangará*) que conviveram comigo durante os cinco anos, em particular, a Delfina, Nelson, Ema, Ilda, Eurice, Paula, José, Neusa, Célia e Mónica.

Por último, quero também agradecer aos comerciantes e aos "mendigos" que tornaram possível a realização deste trabalho.

Maputo, Agosto de 2004

Rehana Capurchande

Abreviaturas

Av.....	Avenida
CEA.....	Centro dos Estudos Africanos
DMCAS.....	Direcção da Mulher e Coordenação da Acção Social
DUI.....	Distrito Urbano número 1
INAS.....	Instituto Nacional da Acção Social
INE.....	Instituto Nacional de Estatística
LOA.....	Leite, Óleo e Açúcar
MMCAS.....	Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social
MPF.....	Ministério do Plano e Finanças
PARPA.....	Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta
UEM.....	Universidade Eduardo Mondlane
WLSAMAZ.....	Women and Low in Southern Africa- Mozambique (Mulher e Direitos na África Austral- Moçambique)

Resumo

O presente estudo visa compreender a forma como o fenómeno da mendicidade se manifesta como um problema social. Na cidade de Maputo, existe um tipo específico sobre o qual este trabalho se vai debruçar.

Com efeito, embora a mendicidade seja um fenómeno que sempre existiu, na nossa sociedade, o tipo que interessa neste estudo ocorre num dia específico que é às sextas-feiras e num determinado período de tempo. Neste dia e tempo, nota-se uma concentração de um certo tipo de pessoas, nomeadamente, os idosos, jovens e crianças junto aos estabelecimentos comerciais.

Às sextas-feiras, os comerciantes muçulmanos dão esmola em cumprimento de um dos princípios da sua religião que é essencialmente o de dar caridade aos necessitados.

Assiste-se assim, na cidade de Maputo, o acto de mendigar ou de “estender a mão à caridade” que se tornou uma prática constante nesses locais, por razões que têm a ver com a natureza social desses comerciantes proprietários dos estabelecimentos comerciais, por um lado e, com as carências sociais de um específico segmento da sociedade, por outro.

Assim, no presente trabalho, procuramos descrever essa realidade a partir da análise dos critérios que são usados, quer pelos comerciantes para definir o que é um “mendigo”, quer ainda a partir do conhecimento dos próprios mendigos que procuram satisfazer esses critérios definidos pelos comerciantes para poderem representar a sua condição de “mendigos”.

Como conclusão preliminar, os dados da pesquisa revelaram que, em certa medida, a condição do “mendigo” das sextas-feiras não existe como uma condição essencial mas como uma construção social. Ele passa a existir num dia específico, que é a sexta-feira, como resultado da confluência entre as práticas religiosas dos comerciantes muçulmanos e o conhecimento prático dos próprios mendigos.

Índice

	Página
Folha de Rosto.....	I
Declaração.....	II
Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	V
Abreviaturas.....	VI
Resumo	VII
Introdução	1
Justificação e pertinência do estudo.....	1
Capítulo I.....	8
Situação-Problema	8
Capítulo II.....	18
Referencial Teórico.....	18
Capítulo III.....	23
Conceptualização	23
III. i. "Mendicidade de sextas- feiras"	23
III. ii. Caridade Islâmica	24
Capítulo IV.....	26
Metodologia.....	26
Capítulo V.....	30
"A mendicidade de sextas-feiras"	30
V. i. Institucionalização da "mendicidade de sextas-feiras".....	30
V. ii. Acervo/ estoque de conhecimento sobre o "mendigo".....	38
V. iii. Sedimentação do Conhecimento.....	47
V. iv. Legitimação da "mendicidade de sextas-feiras".....	54
V. v. Interiorização da "mendicidade de sextas-feiras".....	56
Capítulo VI.....	62
Considerações finais	62
Referências Bibliográficas.....	68
Anexos	73
Modelo de análise	74
Guião para entrevista dirigido aos comerciantes	75
Guião para entrevista dirigido aos mendigos.....	77
Tabelas	79
Imagens.....	81

A pobreza não existe como a descrição duma condição essencial. A pobreza começa a existir a partir do momento em que é reconhecida como um problema que precisa de ser resolvido. Dito diferentemente, a pobreza é sempre um problema definido institucionalmente. A sociedade é que inventa os seus pobres. Ela torna-os visíveis, objectos de controle ou intervenção institucional. Assim, a pobreza não deve ser interpretada somente como a falta ou deficiência de meios, mas também como uma relação social.

George Simmel¹

Introdução

Justificação e pertinência do estudo

Com o presente trabalho procuramos descrever o quotidiano dos "mendigos de sextas-feiras", na cidade de Maputo. Nosso propósito, por conseguinte, engrena-se com a compreensão da forma como a "mendicidade de sextas-feiras" ganha visibilidade na nossa sociedade, isto é, como a própria realidade se constitui e é dada por adquirida.

A mendicidade é um dos problemas sociais que nas últimas décadas tem afectado, grosso modo, os grandes centros urbanos. A cidade de Maputo que constituiu o nosso observatório não foge à regra. Ela confronta-se no quotidiano com o problema dos mendigos. Num estudo sobre a mendicidade feito pela Direcção da Mulher e Coordenação da Acção Social (1998) com o propósito de se fazer o levantamento do número de mendigos e sua respectiva proveniência, constatou-se que eram no total cerca de 1230 mendigos dos quais 1108 da cidade de Maputo e 122 da respectiva Província.

A deslocação massiva da população do campo para as cidades, sobretudo nos finais da década 80 e início da década 90 levou a um crescimento incaracterístico nas zonas urbanas acompanhado de um crescimento rápido da população. Isto criou pressões sobre zonas caracteristicamente afectadas pelos processos de migração campo-cidade,

¹ Tradução da autora do presente trabalho, retirada dos textos de Hvinden (1999?).

como a cidade de Maputo, onde a pobreza urbana foi assumindo características marcantes. Segundo o Relatório do INE (1998), no último censo de 1997 com uma população total de 966837 habitantes, a cidade de Maputo contava com cerca de 462535 pobres absolutos, o que corresponde aproximadamente 47.8%² dos mesmos.

Associada a migração campo-cidade, os programas de Acção Social introduzidos pelo Estado ao longo da década de 90, a título de exemplo, a Assistência Social, que veio a constituir o programa de protecção social para apoio às populações mais desfavorecidas, bem como os programas ligados aos planos de acção na estratégia nacional de Redução da Pobreza³ foram insuficientes para conter os efeitos das crises económica e social que o país atravessa. Actualmente, são apenas cerca de 5246 beneficiários (MMCAS, 2004) do Programa Subsídio de Alimentos na Cidade de Maputo.

Por conseguinte, houve uma deterioração da qualidade dos serviços sociais de consumo social, com níveis acentuados de pobreza urbana; redução das oportunidades e elevadas taxas de desemprego; que deixaram para a maioria da população poucas alternativas de sobrevivência. Segundo o Ministério do Trabalho (2002) os dados do desemprego acumulado de Janeiro a Junho registados nos centros de Emprego na cidade de Maputo revelam que cerca de 7133 foram inscritos oficialmente.

A cidade de Maputo enfrenta assim, os problemas de uma cidade com um inadequado desenvolvimento urbano, agravamento das condições de habitação, crescimento acentuado de desemprego, deficiente serviço de educação e saúde, etc.

² Segundo o MPF (MPF cit. por Oppenheimer & Raposo, 2002:11) é mais grave a situação se tivermos em conta que cerca de 200000 pessoas vivem actualmente em condições de privação Humana extrema.

³ No âmbito da estratégia de redução de níveis de pobreza absoluta, o Governo decidiu estabelecer uma Rede Formal de Protecção Social (*Safety Net*) com vista a assegurar a sobrevivência dos grupos mais vulneráveis e aliviar a pobreza absoluta resultante do impacto negativo das medidas de Ajustamento Estrutural. Segundo Buque (2003:6), actualmente fazem parte desta Rede o Fundo de Acção Social Escolar; o Fundo Social para Medicamentos e Suplementos Alimentares Infantis; o Programa LOA; o Suplemento de vencimentos e, o Subsídio de alimentos.

Com efeito, à fragilização das condições materiais, à má nutrição, ao desemprego, à insuficiência da rede sanitária e escolar e; à transformação dos laços sociais tradicionais, a autonomização do indivíduo em relação à estrutura familiar foram associados por vários autores, à título de exemplo, Meneses & Lourenço (2000), Raposo & Oppenheimer (2002) e Serra (2003) como os grandes geradores de profundos sentimentos de insegurança. Esta insegurança individual e a desintegração social associada à precaridade originaram um terreno favorável ao desenvolvimento de actividades tais como, a mendicidade como forma de sobrevivência.

Entretanto, hoje no nosso país, sobretudo nos grandes centros urbanos, o acto de mendigar, ou seja de "estender a mão à caridade", em particular, nos estabelecimentos comerciais e nas Mesquitas tem sido uma prática constante. Este fenómeno é mais visível às sextas-feiras onde é possível observar a afluência a estes locais.

Existem se assim se pode considerar, dois tipos de mendicidade, a saber, a mendicidade diária e a mendicidade de sextas-feiras. Os mendigos de todos os dias são permanentes no pedido da esmola e, habitualmente têm quase sempre o braço estendido, enquanto que os das sextas-feiras escolhem os alvos que geralmente são os estabelecimentos comerciais e as Mesquitas.

Entretanto a realidade mendicidade a que nos propusemos analisar, não é a mendicidade diária. O nosso estudo centrou-se a um tipo específico de mendicidade que é a "mendicidade de sextas-feiras". É às sextas-feiras onde há uma maior concentração ou densidade de "mendigos ou pedintes" num determinado período de tempo e em locais específicos, a saber, os estabelecimentos comerciais e as Mesquitas.

Os comerciantes sendo estes muçulmanos, têm uma obrigação de dar a esmola, na sua maior parte, às sextas-feiras aos necessitados e carenciados como forma de cumprir com um dos princípios ou pilares do Islão, que é o de dar esmola aos necessitados. Partimos do princípio de que existe uma ligação entre a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade islâmica que se exerce precisamente nesse dia.

Por conseguinte, existe uma grande prevalência nas sextas-feiras de idosos, deficientes, jovens e crianças em massa, sobretudo, nos estabelecimentos comerciais em busca provavelmente de mais uma estratégia de sobrevivência. Contrariamente aos restantes dias, a sexta-feira, é o dia que mais se manifesta este fenómeno. Há um clímax de pessoas pedindo esmola.

Com efeito, a importância da presente dissertação, prende-se na análise do processo pelo qual se constitui a "mendicidade de sextas-feiras". Ou seja, a partir do interesse sociológico informado pela Sociologia do Conhecimento a importância reside essencialmente em fazer uma etnografia do presente.

Esta, consiste em descrever a forma como os mendigos são uma construção social na medida em que não é exactamente a sua condição material⁴ que é determinante para poderem ser objectos de ajuda, por parte de alguns grupos ou sectores da sociedade, mas a sua capacidade de se apresentarem como mendigos perante esses grupos da sociedade. Por outras palavras, a pertinência deste estudo está em trazer à superfície a forma como os mendigos se constituem como tal, a partir de certas expectativas na sociedade

Assim, no presente trabalho, pretendemos analisar, **até que ponto é que a caridade islâmica contribui para a constituição de formas específicas de mendicidade?**

Colocada a questão de partida, destacam-se duas proposições provisórias que vão fornecer respostas condicionais ao problema de pesquisa por nós levantado. A primeira, segundo a qual, existe uma relação entre a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade

⁴ Não se trata da análise da falta de rendimentos necessários que os mendigos podem ter para satisfazer necessidades alimentares básicas, ou assegurar para si e seus dependentes um conjunto de condições básicas mínimas tais como alimentação, acesso a educação, saúde, entre outras, para ser considerado pobre. Mas sobretudo de considerar as táticas usadas pelos próprios mendigos no desempenho da sua actividade como mendigos. Há uma tendência de os estudos sobre a Pobreza darem somente um enfoque na "incapacidade dos indivíduos de assegurar para si e seus dependentes um conjunto de condições básicas mínimas para a sua subsistência e bem-estar segundo as normas da sociedade" (PARPA, 2001: 11).

islâmica que se exerce precisamente nesse dia, o que contribui para uma forma específica de pobreza ("a mendicidade de sextas-feiras").

A segunda, que esta forma específica de pobreza, a "mendicidade de sextas-feiras", é uma construção social.

Com efeito, o nosso **objectivo geral** foi o de fazer uma etnografia⁵ da forma como os "mendigos de sextas-feiras se constituem como tal, isto é, descrever a forma como eles desempenham ou representam o seu papel de mendigo no seu dia a dia.

De **forma específica**, pretendemos analisar o processo pelo qual "a mendicidade de sextas-feiras" é construída. Isto é, por um lado, descrever e analisar a caridade muçulmana praticada pelos comerciantes, em particular, os critérios que eles usam para definir a mendicidade. Por outro, procuramos descrever e analisar a forma como os "mendigos" procuram satisfazer esses critérios definidos pelos comerciantes e, a forma pela qual representam a sua condição de "mendigos".

Partimos do pressuposto de que os mendigos ao desempenharem o seu papel (de mendigos) no quotidiano, têm ideias claras sobre o que os define como mendigos. Possivelmente seja a deficiência física, a idoneidade, ou o desamparo; mais ainda, o que devem fazer; como devem se apresentar; que tipo de biografia devem ter; a indumentária necessária, entre outros atributos, para serem aceite como mendigos.

Eles envolvem-se num processo de criação da realidade social, quer através dos seus pensamentos, quer através das suas acções. Portanto, a realidade não existe como um dado exterior às consciências dos indivíduos, antes sendo simultaneamente o produtor e

⁵ Segundo Triviños (1987) a pesquisa etnográfica pode ser entendida como uma forma específica de investigação qualitativa. A etnografia surge inicialmente com os antropólogos ao perceberem que muitas das informações da vida dos povos não podem ser quantificadas e, mais tarde com os sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidade. A tradição antropológica da pesquisa etnográfica faz com que esta seja conhecida como uma investigação qualitativa e essencialmente descritiva. Por isso usam-se indistintamente ambas as expressões para referir-se a uma mesma actividade. A etnografia baseia-se nas descrições do real para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade.

o produto dos processos sociais ligados às consciências, neste contexto em particular, dos mendigos.

Depois da parte introdutória o nosso trabalho ficou estruturado em seis partes. A primeira, consistiu numa revisão da literatura de estudos que abordam o fenómeno da mendicidade. Esta revisão de literatura subsidiou o levantamento do que constituiu o nosso problema de investigação. Pois, este surgiu essencialmente duma lacuna existente nesses estudos.

A esta fase, seguiu-se a apresentação do referencial teórico que serviu de fio condutor da presente dissertação. Este baseou-se na Construção Social da Realidade de Berger & Luckmann. A Construção Social da Realidade por basear-se num método essencialmente fenomenológico serviu de substrato para compreender e descrever os fundamentos da vida quotidiana dos "mendigos de sextas-feiras".

Numa terceira fase discutimos os conceitos chaves, a saber, a "Mendicidade de sextas-feiras" e a Caridade Islâmica. A discussão destes conceitos permitiu-nos a sua operacionalização sobretudo na forma pela qual pudemos observá-los na realidade.

A metodologia constituiu a fase subsequente da nossa dissertação. Ela serviu para detalhar o que constituiu o plano empírico, isto é, a forma como iríamos proceder à escolha dos instrumentos de recolha de dados, a delimitação da população alvo e a selecção da amostra. Optamos por uma pesquisa qualitativa por forma a descrevermos a "mendicidade de sextas-feiras" de acordo com os objectivos preconizados neste trabalho.

Seguiu-se a esta fase a apresentação e interpretação dos resultados da pesquisa. Esta foi essencialmente a parte empírica do nosso trabalho. Procuramos nesta apresentação estabelecer a correlação entre as variáveis estudadas, a "mendicidade de sextas-feiras" e a Caridade Islâmica e testar as hipóteses colocadas. Podemos adiantar que ao cruzarmos estas variáveis constatamos que existe uma relação entre ambas,

relação esta, que é resultado da confluência entre as práticas religiosas dos comerciantes e o conhecimento prático dos próprios mendigos.

Por último, as considerações finais do que constituiu a nossa investigação que têm como substrato a idéia de que a condição do mendigo de sextas-feiras, em certa medida, é uma construção social.

Capítulo I

Situação-Problema

No presente capítulo procuramos abordar, de maneira mais específica, o problema que despertou o nosso interesse na análise da "mendicidade de sextas-feiras".

Para o efeito, vamos de seguida, apresentar uma revisão bibliográfica⁶ de investigações anteriores de forma a fundamentarmos e nos familiarizarmos com o problema por nós sugerido e, deste modo, também evitarmos a réplica não intencional de estudos já realizados sobre o fenómeno mendicidade. Feita esta apresentação, passaremos, num segundo momento, a esclarecer o problema que nos preocupa.

✓ Na revisão da literatura que nos propomos a apresentar veremos que destacam-se essencialmente três perspectivas de abordagem da mendicidade. Alguns autores privilegiam a base material para explicar a mendicidade; outros dão ênfase a estudos do tipo pesquisa-ação e os últimos tem como pano de fundo o uso de conceitos da perspectiva fenomenológica de mundo problemático e não- problemático, que passamos de seguida a apresentar. Começemos então pelos que enfatizam mais a base material como o aspecto mais importante que leva as pessoas a serem consideradas mendigas.

Num estudo sobre, "Mendicidade, Causas e Estratégias", Meneses & Lourenço (2000) referem que o ciclo causal de relevo de toda esta problemática tem como pano de fundo, por um lado, a migração maciça campo-cidade; o aumento demográfico combinado com a rápida transição da economia centralizada para a economia de mercado.

⁶ O nosso problema de investigação parte de um enigma identificado a partir das leituras dos trabalhos de outros investigadores. Esse enigma não está somente na falta de informação mas também em lacunas de investigação. Como refere Giddens (2000), uma investigação sociológica parte de problemas que constituem enigmas. Estes enigmas podem também surgir com a leitura de trabalhos de outros investigadores, ou através da tomada de consciência da existência de tendências específicas na sociedade.

Estes factores foram corroborados com a incapacidade de resposta por parte do organismo do Estado e o empresariado (no que diz respeito à promoção do emprego) e, por parte dos cidadãos, perante as novas exigências de mercado de trabalho; a agudização dos conflitos familiares. Assim, face a estas crises o mendigo encontra, no meio urbano, na mendicidade uma forma de enfrentar as dificuldades de se alimentar, vestir e educar os seus filhos.

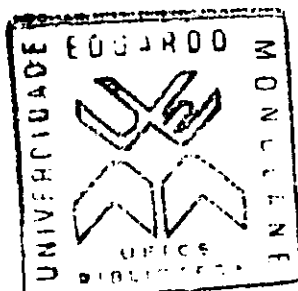
Oppenheimer & Raposo (2000) no seu estudo sobre "A pobreza na cidade de Maputo", mostram que a cidade de Maputo, sendo esta caracterizada por um crescimento demográfico que não é acompanhado por um correspondente desenvolvimento urbano tem dificultado a melhoria das condições de vida da maioria da população, persistindo assim, nos espaços da cidade lógicas, práticas e estratégias de sobrevivência.

Assim, a problemática da mendicidade, é apontada como uma das estratégias de sobrevivência, em particular para os idosos⁷, que já perderam o seu ganha-pão, alguns dos seus bens materiais e o apoio dos seus filhos. Constatam que os laços que ligam estes últimos com os idosos já não têm peso como outrora, uma das razões pela qual eles vivem como mendigos, mesmo tendo filhos e netos para os sustentar.

Por seu turno, Rodrigues & Silva Filho (2002), em, "População de Rua- Uma TV a Rampa do Metrô e outras formas de inclusão da Pobreza nas Ruas", os mendigos são um dos grupos que fazem parte da sua população alvo. Os autores referem que o fluxo rural-urbano e os recursos atractivos da cidade já não têm grande peso nas causas da pobreza urbana, esta última, que por sua vez, tem levado algumas pessoas à rua.

Neste seu estudo, constatam ainda que a maior parte dos mendigos não são "estrangeiros" oriundos do meio rural. O mendigo no meio urbano passa a ser produto das carências e deficiências das estratégias públicas de inclusão, próprias do meio urbano.

⁷ Para além dos idosos, esta situação de vulnerabilidade e dependência tem afectado também a outros membros de outros grupos, a saber, os órfãos, mães solteiras, desempregados, que são compelidos à mendicidade, para garantir a sua sobrevivência, uma vez que os critérios de elegibilidade do programa Subsídio de Alimentos destinado à população que vive em condições de pobreza são restritos.



A cidade-centro da informação, do desenvolvimento económico e do poder passa a assumir a paternidade dos seus processos sociais excludentes.

Assim, nas cidades a pobreza ganha seu significado e emerge como um problema social e, uma das suas manifestações é de levar as pessoas à mendicidade.

Para Oliveira (2002) em, "O povo e o papel da Fundação Leão XIII" as pessoas entram para a mendicidade porque os eixos básicos de integração social do indivíduo na sociedade, a família e o trabalho se quebram. Esses eixos são considerados importantes na inserção social. Quando se fala de crianças, adolescentes, se fala de família e do adulto, mais precisamente de trabalho. Se estes eixos se quebram levam à rua, à exclusão fazendo com que as pessoas não tenham suas necessidades atendidas. Estas carências é que levam as pessoas à rua.

À semelhança deste tipo de abordagem Sarah Escorel (2002) em "Agenda Pública: Pessoas que moram na rua" refere que se as pessoas vão à rua pedir esmola é justamente porque os vínculos familiares que ancoram o indivíduo na sociedade estão desintegrados. Nas trajectórias de vulnerabilidade e carências a família é que faz a grande diferença. Ela é a principal referência moral e o principal suporte afectivo e material. Não havendo este suporte afectivo e sobretudo o material as pessoas encontram como uma das estratégia de sobrevivência a mendicidade.

Depois do que acima foi exposto, notaremos que as abordagens que apresentamos dão mais ênfase à questão da distribuição dos rendimentos em que os indigentes são vistos do ponto de vista da exclusão social e da marginalização na sociedade. Isto é o mendigo é visto como socialmente marginalizados e excluídos da sociedade.

Quando se fala de pobreza em particular no seu tipo específico, a mendicidade, ela é interpretada necessariamente como a falta ou deficiência de meios. Enfatiza-se a distribuição dos rendimentos, o padrão de vida e consumo de bens e serviços. Assim, os

indivíduos carenciados são vistos apenas como socialmente excluídos dos benefícios da sociedade de bem-estar.

Todavia, para o presente estudo embora a questão da falta ou deficiência de meios seja a base para a identificação dos que formam a categoria dos mendigos, pretendemos sobretudo dar um enfoque à perspectiva "relacional"⁸ sobre a pobreza". Ou seja, enfatizarmos mais o tipo de relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos na sociedade. No presente estudo, entre os mendigos com o resto da sociedade, em particular, a sua relação com os comerciantes que dão assistência ou procuram aliviar a pobreza dos mendigos.

O segundo tipo de abordagem, como havíamos nos referido, dá ênfase aos estudos do tipo Investigação- Acção. Num estudo sobre, "Esmola em Nampula, um fenómeno social que constitui um desafio para a acção assistencialista" Zimba (1999), procura apresentar a opinião sobre como assegurar ou preservar a dignidade humana na prática da esmola.

O autor constata que os níveis de incidência e prevalência da esmola na mesma cidade, tendem a aumentar de sexta à sexta-feira o que, por sua vez, tem constituído uma grande preocupação ao nível do Governo e da sociedade civil pelo facto desta modalidade e procedimento de prática constituir uma afronta à dignidade humana.

Esta pesquisa, por um lado, procura alertar as instituições de direito no que diz respeito ao papel que elas devem desempenhar na produção de bem-estar para a população que vive em precárias condições de vida. Por outro lado, chama atenção para

⁸ Optamos pela perspectiva relacional isto porque segundo Simmel (cit. por Hviden, 1999?), os pobres ocupam uma posição ambígua na sociedade: eles estão em alguns aspectos "inside" e em outros "outside". Como membros da sociedade eles gozam, embora não de forma total, por exemplo, os direitos de cidadania. Neste sentido ele está dentro (inside) da sociedade. Mas ao mesmo tempo, em larga medida, eles emergem. A pesar de vistos de um ângulo que esteja de "fora", ele é tido como objecto ou medida de controle ou de ajuda. Isto implica uma forma particular de interacção ou reciprocidade. Nesta relação ambas as partes estão ligadas numa unidade, onde o mendigo está "dentro" (inside) da sociedade.

uma mendicidade organizada, isto é, que se criem locais específicos onde seria canalizada toda a esmola de forma a evitar que os mendigos peçam nas ruas.

Por seu turno, Massinga (1998:19), em "Mendicidade" coloca a seguinte questão: "Mendicidade: uma prática a combater ou a estimular?" O estudo analisa as causas do fenómeno, a saber, económicas: relativas à carência de trabalho remunerado; sociais: praticadas por marginalizados, velhos, deficientes e crianças da/na rua e; psicológicas: referindo-se à preguiça voluntária de não querer realizar nenhuma actividade remuneradora.

Com efeito, a mendicidade é tida como um mal social, daí que a pesquisa aponta como solução para as duas primeiras causas acima referidas, a criação de postos de trabalhos, actividades artesanais, centros abertos de apoio ou caridade, tais como, centros de apoio à velhice, centros sociais, ou através da criação do sistema de Assistência Social.

Ainda na mesma natureza de pesquisa, Rodolfo et al (1999), num "Relatório de pesquisa sobre a mendicidade na Província de Tete", constata que o fenómeno está a aumentar apesar dos esforços do desenvolvimento social no país, por não terem sido levadas em consideração as necessidades básicas da população vulnerável aquando da implementação dos programas de desenvolvimento sócio-económico e das medidas de alívio à pobreza.

Assim, o autor procura traçar algumas ideias de como encarar o fenómeno e propor possíveis medidas de solução: a coordenação entre as instituições económicas e o conselho municipal de Tete e introdução de mudanças estruturais sustentáveis que implicam organização dos pedintes e sua mobilização para o autosustento.

Como se pode depreender, os estudos acima referidos são essencialmente desencadeados por alguém que tem necessidade de informação ou conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução (Esteves, 1989:266). A

curiosidade de saber parte, na maioria dos casos, de fonte externa ao investigador e está essencialmente delimitada pelo seu campo de acção.

A natureza destes estudos está essencialmente na identificação de problemas e sua consequente solução, sendo que a análise e reflexão sociológica de como o fenómeno se manifesta, se constitui por si próprio, não é objecto de suas análises. Denota-se um carácter intervencionista, de acção social.

Esse carácter intervencionista apela para que a mendicidade seja organizada de forma a que as modalidades não ponham em causa a dignidade humana. O sujeito activo nos trabalhos acima identificados, está para a intervenção em vias de transformação numa determinada situação com o propósito de dar solução a problemas como tais identificados, dos quais podemos destacar, a organização da mendicidade.

Por último, passamos a analisar os estudos que têm como pano de fundo o uso de conceitos fenomenológicos de mundo problemático e não-problemático. Num estudo sobre, "A Precaridade social em três cidades de Moçambique", a saber, Maputo, Beira e Nampula, Serra (2003), analisa de entre vários outros fenómenos⁹, a mendicidade. Para Serra, a mendicidade, assim como os restantes fenómenos têm como substrato a precaridade social.

A precaridade social, o tema do seu trabalho, é interpretada como sinónimo de pobreza e exclusão social. A visão do social que o autor tem é de que a sociedade civil encontra-se precarizada. Este termo é entendido como o "conjunto dos actores excluídos dos benefícios das relações sociais vigentes em Moçambique que, através dos processos de interacção e conflito social produzem formas alternativas e mestiças de vida e representação social" (Idem, 2003:2)

⁹ Neste estudo, para além da mendicidade, o autor analisa oito instâncias, nomeadamente, os Dumba nengues; os Chapas cem; os Hospitais de mil meticais; as Lixeiras; as Igrejas zione; os Hospitais psiquiátricos; os Tribunais comunitários e o Cancioneiro moçambicano. Nestes pequenos ensaios, Serra procura mostrar que existe uma lógica que atravessa as nove instâncias. Essa lógica é a precaridade social (Serra, 2003).

Por conseguinte, esta sociedade civil precarizada, é considerada como um lugar de lutas sociais onde se conjugam a inclusão e exclusão sociais; luta pela hegemonia política e resistência; confrontação de formas de etiquetagem e de representação social; localidade e globalidade e; miséria e pobreza. Assim, a mendicidade é entendida como uma modalidade de luta, mas que não ataca o sistema, ou seja, o conforta e estimula a reproduzir-se.

Na problemática do seu estudo, o autor divide os seres humanos em duas categorias processuais extremas: as do mundo não-problemático e as do mundo problemático. Excluídos dos benefícios do bem-estar os actores sociais do mundo periférico em Moçambique criam uma contra-sociedade. Esses são os actores do mundo problemático.

Considera-se que os primeiros, os actores do mundo não-problemático, têm possibilidades permanentes de transformar o problemático no não-problemático graças ao seu capital de recursos vitais assegurados, tais como, alojamento, alimentação, emprego, acesso a serviços dignos de saúde e ensino. Isto é, eles vivem uma cidadania.

Em contra partida, refere ainda o autor que o mesmo não acontece no mundo não-problemático, onde é necessário lutar duramente para garantir as bases reprodutivas da vida e, que cada dia é uma batalha dura no problemático, na busca sem tréguas de recursos vitais. Por isso os seus habitantes não vivem, mas sobrevivem (Ibd.19-20).

Na mesma perspectiva de Serra, Aquino (2001) apresenta um estudo intitulado, "Esmoleiros da cidade de Nampula". O autor defende que fragmentadas as suas redes integracionais num momento onde o acesso aos bens sociais se torna problemático, os esmoleiros procuram encontrar algo com que sobreviver nos bordos da sociedade de bem-estar. Sociedade esta, considerada como fazendo parte do mundo não problemático.

O autor considera que os idosos, deficientes e crianças se vêem desprotegidos das redes tradicionais de protecção da sociedade de bem-estar. Assim, os mendigos

procuram encontrar na esmola com que sobreviver. O autor coloca questões tais como, quem se preocupa com estes excluídos? Quem sabe do que sofrem e como sofrem? E, quem conhece suas trajetórias de vida?

Nos dois últimos estudos aqui apontados, nota-se essencialmente que se consubstanciam nos conceitos pertinentes na análise sociológica da vida quotidiana. Trata-se da noção fenomenológica de "mundo problemático" e "mundo não-problemático".

Entretanto, os autores em análise, por um lado, limitam a relevância destes dois conceitos da perspectiva fenomenológica, para a distinção entre os que estão bem e, os que não estão. Reduzem a sociedade em dois grupos onde existe uma separação nítida entre os que sofrem e os que não sofrem. Ou seja, os actores excluídos dos benefícios do bem-estar na sociedade (os mendigos ou esmoleiros) e, os que têm acesso ao bem-estar (os não esmoleiros/ não mendigos que vivem uma cidadania).

Por outro, a oposição colocada entre o mundo problemático, e o mundo não-problemático torna-se, em nosso entender, normativa. Ela é usada num sentido normativo que se resume apenas ao contraste entre a normalidade (o acesso aos bens e serviços) e a anormalidade (o mundo da exclusão social).

Assim, o nosso problema é: **o que é problemático para os mendigos no seu dia a dia? Como é que os mendigos (eles próprios) produzem a sua mendicidade no seu quotidiano, o que eles pensam de si próprios? Qual é a sua capacidade de se apresentarem como mendigos para serem aceites como tal?**

Concordando com Berger & Luckmann (1991: 41) a vida quotidiana divide-se em dois sectores, a saber, um que é apreendido rotineiramente e, outro que se apresenta com problemas de toda a espécie. Tudo quanto se refere a uma faceta rotineira, é um sector não problemático da vida quotidiana. Em contra partida, quando estamos diante de um

problema, ou seja, quando as rotinas são apreendidas com interrupções, a realidade torna-se problemática.

Portanto, o uso dos conceitos mundo problemático e não-problemático na perspectiva por nós adoptada, alarga-se sobretudo para a análise de processos internos e subjectivos, isto é, do ponto de vista do actor social. A situação apresenta-se de igual maneira para ambos os tipos de actor. Cada qual no seu dia a dia tem a sua própria noção de problemático, isto porque cada qual para Berger & Luckmann tem a sua maneira de sedimentar a experiência¹⁰. No interior de cada contexto e/ou actor social existem também zonas problemáticas e zonas não-problemáticas.

Assim, sendo nosso propósito neste trabalho, a análise da forma como a "mendicidade de sextas-feiras" é construída socialmente, o nosso problema prende-se em como determinadas práticas sociais tornam visível um determinado tipo de mendicidade, a "mendicidade de sextas-feiras".

Isto porque a "mendicidade de sextas-feiras" vai se constituir, portanto, nas manifestações do quotidiano, isto é, precisamente, nas coisas que os actores sociais envolvidos fazem no seu dia a dia e dão substância real ao seu mundo. Essas coisas são as práticas reais e, no presente estudo, nos referimos às práticas quer dos comerciantes muçulmanos, assim como as dos mendigos às sextas-feiras, que produzem um determinado tipo de mendicidade.

Assim, ao adoptarmos esta perspectiva esperamos, por um lado, poder descrever como a "mendicidade de sextas-feiras" se manifesta e é dada por adquirido, ou seja como ela se normaliza até se tornar em algo inquestionável e normal. Mais ainda como é que se define o mendigo a partir do tipo de relações sociais que os actores sociais desenvolvem.

¹⁰ Para mais detalhes sobre esta expressão, abordamos no capítulo V. 3, quando falamos da sedimentação do conhecimento.

Aspectos estes que não poderíamos apurar se adoptássemos a abordagem que enfatiza a distribuição dos rendimentos e a de Investigação Acção.

Por outro lado, podemos também analisar como e quando, para o mendigo, o problemático vira não-problemático, análise esta, que se partíssemos do princípio de que a sociedade divide-se em dois grupos, a saber, actores do mundo problemático e actores do mundo não problemático, como referem Serra (2003) e Aquimo (2001), não seria possível perceber como se processa a passagem de um destes mundos para o outro. Muito menos, seria considerar que a situação apresenta-se de igual modo para ambos os actores sociais, ou seja, para ambos existem zonas problemáticas e não problemáticas.

De seguida vamos apresentar o quadro teórico que vai fundamentar a pesquisa em análise. É uma forma de organização de observação e, através dela, não só vemos as coisas de uma certa maneira como também dispomos essas coisas de acordo com ela.

Capítulo II

Referencial Teórico

Sendo que a explicação dos factos sociais não se faz de forma descontextualizada, ou seja, sempre que olharmos para o social fazêmo-lo a partir duma certa perspectiva, a *Construção Social da Realidade*, defendida por Berger & Luckmann¹¹ será a base teórica que servirá de apoio e fio condutor deste trabalho.

Berger & Luckmann, são considerados como uma das figuras centrais da nova subdisciplina sociológica que desde Max Scheler e Karl Mannheim na década 1920 ficou conhecida como Sociologia do Conhecimento¹².

Utilizando a fenomenologia para compreender os fundamentos do conhecimento na vida quotidiana, Berger & Luckmann partem para uma teoria da sociedade como processo dialéctico entre a realidade objectiva e realidade subjectiva, onde para esclarecer o lugar que a Sociologia do Conhecimento ocupa no contexto geral da Sociologia, desenvolvem a teoria das instituições, a legitimação e a socialização.

A ideia básica defendida por estes dois autores é de que a realidade é construída socialmente e que a Sociologia do Conhecimento deve analisar o processo em que ocorre este facto. Entretanto, torna-se necessário aqui esclarecer desde já os conceitos pilares desta teorização nomeadamente, a realidade e o conhecimento.

A *realidade* é entendida como "uma qualidade pertencente a fenómenos que reconhecemos terem um ser independentemente de nossa própria volição", isto é não

¹¹ Berger & Luckmann preocupados em esclarecer o lugar que a Sociologia do Conhecimento ocupa no contexto geral da Sociologia, partem duma análise fenomenológica e desenvolvem uma perspectiva construtivista da realidade social. Para mais detalhes vide: Berger & Luckmann (1991).

¹² Esta é uma sociologia especializada que tem antecedentes na Filosofia. Teve origem em uma particular situação da história intelectual alemã e em determinado contexto filosófico. O termo "Sociologia do Conhecimento" (wissenssoziologie), foi forjado por Max Scheler na década de 1920 na Alemanha. Esta subdisciplina foi considerada por seus protagonistas como uma sociologia sobre a história das ideias.

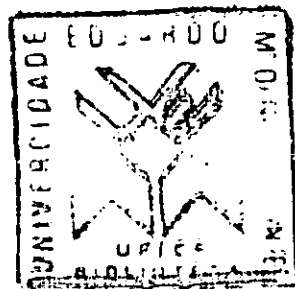
podemos desejar que não existam. E, por *conhecimento*, como a "certeza de que os fenómenos são reais e possuem características específicas" (Berger & Luckmann, 1990: 11). Este pressuposto é consubstanciado pela seguinte tese: "a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objectiva; o homem é um produto humano" (Idem:87). [?]
Soc. 2

Por conseguinte, Berger & Luckmann abordam a questão da sociedade em duas dimensões: a sociedade como realidade objectiva e a sociedade como realidade subjectiva, (esta é apenas uma separação analítica) sendo que qualquer compreensão teórica relativa a ela só possa ser entendida em termos de um processo dialéctico composto por três momentos, a exteriorização, a objectivação e a interiorização.

Na dimensão sociedade como realidade objectiva é onde se objectiva ou se cria uma determinada realidade. O processo que aqui ocorre é designado de institucionalização que consiste na tradução dos elementos culturais (ideias, símbolos, valores) em normas, papéis, regras que exercem um controle directo sobre a acção e interacção dos membros da colectividade.

Entretanto, quando cristalizadas as instituições, estas são experimentadas como realidade objectiva e, como existindo por cima e além dos indivíduos, ou seja, experimentam-se as instituições como se possuíssem realidade própria, realidade com a qual os indivíduos se defrontam na condição de facto exterior e coercitivo. As instituições passam a ter uma história que antecede o indivíduo. As instituições adquirem uma dimensão histórica e objectiva e, defrontam-se com o indivíduo na qualidade de factos inegáveis.

Todavia, esta objectividade do mundo institucional por mais maciça que pareça ao indivíduo, é uma objectividade produzida e construída pelo homem. O que acontece é que o Homem produz um mundo que em seguida, experimenta como algo diferente de um produto humano. Assim, a relação entre o homem (o produtor do mundo institucional) e o mundo social (produto dele) é, e permanece sendo uma relação



dialéctica, isto é, o homem e o mundo social actuam reciprocamente um sobre outro. O produto reage sobre o produtor.

Na outra dimensão, a sociedade como realidade subjectiva, Berger & Luckmann abordam o terceiro momento do processo dialéctico por nós referido, conhecido como a interiorização. A interiorização "é a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrém, que desta maneira se torna subjectivamente significativo para mim" (Berger & Luckmann, 1990: 174).

Em outras palavras, a interiorização é o processo pelo qual a realidade é apreendida na consciência individual. O mundo social objectivado é reintroduzido na consciência do indivíduo. O processo pelo qual a interiorização se realiza é a socialização, onde os indivíduos incorporam todo o acervo de conhecimentos. Este pode ser entendido como "a soma de tudo aquilo que todos sabem" (Idem, 90; 93) a respeito do mundo social, nomeadamente, todo um conjunto de valores e crenças, mitos, princípios morais, máximas morais, frases proverbiais.

Todas as instituições tem um corpo de conhecimento transmitido como receita, isto é, conhecimento que vai fornecer as regras de conduta, para legitimar essa ordem social.

Esta concepção de carácter duplo da sociedade tem suas raízes nas posições teóricas de Weber e de Durkheim: a contribuição dada por Durkheim ao considerar os factos sociais como coisas e, a contribuição dada por Weber ao considerar que o objecto da sociologia é o complexo de significados subjectivos da acção.

Todavia, Berger & Luckmann não vêm contradição nestes dois enunciados e defendem que a sociedade na verdade possui facticidade objectiva, por um lado, e que ela é de facto constituída pela actividade que expressa um significado subjectivo, por outro lado (razão pela qual constróem a sua teoria da sociedade como um processo dialéctico

composta por estas duas dimensões). E, é precisamente o duplo carácter da sociedade em termos de facticidade objectiva e significado subjectivo que torna sua realidade *sui generis*.

Ao conciliarem estes dois modelos trazem uma nova perspectiva a saber, Construtivista pois, concebem a realidade como socialmente construída sendo que os indivíduos concretos são os definidores da realidade. Sendo assim, a Sociologia do Conhecimento, deve acima de tudo ocupar-se com o que os homens conhecem como realidade em sua vida quotidiana, ou seja, à análise da construção social da realidade.

Com efeito, a escolha desta perspectiva teórica prende-se pelo facto da mesma consubstanciar-se na análise Fenomenológica como perspectiva sociológica e método de análise dos fenómenos da vida quotidiana. Senão vejamos:

(...) "*o método que julgamos mais conveniente para compreender os fundamentos do conhecimento na vida quotidiana é o da análise Fenomenológica, método puramente descritivo, e como tal "empírico" e não "científico."* (Idem, 1991: 36)

Com efeito, a análise fenomenológica¹³ por basear-se essencialmente na compreensão que os actores sociais têm do real, vai nos permitir perceber a forma como a "mendicidade de sextas-feiras" ganha visibilidade, ou seja, a forma pela qual o fenómeno é constituído.

Assim, a fenomenologia de Berger & Luckmann será o pano de fundo adequado para a descrição do quotidiano dos mendigos de sextas-feiras, porque tem na sua base o conhecimento, isto é a certeza de que determinados fenómenos são reais. Esta certeza vem de tudo quanto os mendigos e os comerciantes devem saber e fazer para poderem agir no contexto da esmola. E isto é que dá visibilidade à "mendicidade de sexta-feira".

¹³ Entenda-se também, para o presente trabalho, a perspectiva fenomenológica defendida por Schutz que tem como substrato as experiências do ser humano em sua acção e interpretação do "mundo da vida", isto é, da realidade cognitiva incorporada aos processos de experiências humanas subjectivas. (Schutz, 1979)

A fenomenologia, sendo um estudo baseado na realidade social do quotidiano, aponta-nos que os indivíduos têm um conhecimento pré-científico dos fenómenos ligados ao seu meio. Os actores sociais são dotados de um corpo de conhecimento que fornecem as regras de conduta, para legitimar essa ordem social e, neste caso, a "mendicidade de sextas-feiras". Deste corpo de conhecimentos é possível perceber o papel que a sociedade desempenha na produção da mendicidade.

Capítulo III

Conceptualização

A conceptualização é um dos procedimentos básicos nas Ciências Sociais para melhor esclarecimento do raciocínio num trabalho de investigação. Assim, pretendemos nesta secção, deixar claro a concepção dos termos chaves adoptados no estudo em análise, a saber, a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade islâmica.

III. i. "Mendicidade de sextas-feiras"

A mendicidade é uma palavra de origem latina, "mendicare", que significa pedir esmola. Trata-se de uma palavra que em geral é usada para se referir ao estado habitual daquele indivíduo que pede esmola para a sua subsistência. (Dicionários Editora, 1998:1078). Por conseguinte, mendigo é entendido como aquele que vive de pedir esmola, pedinte ou indigente.

Por seu turno, Meneses & Lourenço definem a mendicidade como sendo o "comportamento de alguns seres humanos, dotados ou não de capacidade para o trabalho, que consiste na procura habitual de meios de subsistência, ou mesmo de sustentação de um vício através do recurso a peditórios e a outros seres humanos ou a instituições". (Meneses & Lourenço, 2000: 23).

Para estes autores, a mendicidade é uma actividade que pode ser praticada tanto por indivíduos que dada a sua incapacidade física, psíquica, não podem exercer alguma actividade produtiva, assim como, por aqueles que não obstante estarem dotados da capacidade para o trabalho, não exercem qualquer actividade produtiva ou remunerada com vista à garantia da sua sobrevivência.

Entretanto, para efeitos do nosso trabalho, entendemos a "**mendicidade de sextas-feiras**" como a actividade que grupos sociais vulneráveis e específicos exercem

num determinado dia de semana (sexta-feira) no intuito de receber assistência de caridade por parte de outros grupos sociais ou sectores da sociedade.

Assim, interessa-nos a actividade praticada por categorias sociais específicas, neste caso os indigentes, (os que pedem a esmola) que são movidos por um tipo específico de assistência que é destinada às pessoas vulneráveis, isto é, em particular, àquelas que vivem carências sociais num determinado dia, a sexta-feira, data esta considerada específica pelos doadores dessa assistência.

III. ii. Caridade Islâmica

O Islamismo¹⁴ que estabeleceu a unidade da nação muçulmana através do versículo 52 da surata AL Mueminun (" E sabeis que vossos povos constituem uma só nação e que Eu Sou Vosso Senhor. Temei-me"), procura sempre preservar esta unidade. Mas igualmente procura resguardar os sentimentos de amor e fraternidade nos espíritos dos muçulmanos através do que obrigou os mesmos cumprirem o preceitos.

Essa procura se materializa especialmente nos preceitos da Zakat- caridade ou dízimo, que é a doação financeira. A **Caridade muçulmana/ islâmica** na realidade, não é mais do que distribuir parte dos bens e, ou dar assistência por parte de grupos sociais mais favorecidos na sociedade aos membros mais desfavorecidos ou vulneráveis (Harairi, 1987:58).

Esta doação constitui um dos pilares do Islamismo¹⁵. Entretanto, dois aspectos encontram-se na Caridade muçulmana, a saber, a obrigatória (*zakat*) e a facultativa (*sadaca*). O *Zakat* designa a quantia anual de géneros ou dinheiro que um muçulmano abastado tem que distribuir aos legítimos beneficiários.¹⁶ Mais ainda, o seu sentido não

¹⁴ O Islamismo significa o nome da fé, submissão a Allah. O adepto ou muçulmano é aquele que se submete a Allah entregando-se incondicionalmente à vontade Divina (Hinnells, 1984).

¹⁵ Os pilares do Islamismo são cinco, a saber, a declaração de fé; as cinco orações ao dia; o jejum durante o mês de Ramadan; o *zakat* e; a peregrinação. Para mais detalhes vide El Hayek, 1994.

¹⁶ São legítimos beneficiários da *Zakat* os muçulmanos pobres para aliviarem a sua miséria; os muçulmanos necessitados para ganharem a sua vida; os muçulmanos recém convertidos para se poderem estabelecer e

inclui apenas caridade, esmola, dízimo, bondade, contribuição obrigatória, mas também acrescenta a tudo isso a recordação de Deus e motivações tanto espiritual como moral.

Para Hinnells (1984:291), esta caridade refere-se ao imposto religioso, aplicado a várias categorias de propriedade de acordo com os valores fixos e, empregado com propósitos caritativos expressos no Alcorão.

Assim, esta caridade define-se como uma obrigação especial. Ela pode ser distribuída directamente aos legítimos beneficiários ou a organizações de beneficência. É uma acção que pode ser individual ou colectiva e que pode ou não ter sido solicitada por aqueles que a recebem. O dador distribui a caridade a qualquer indivíduo desprovido dos meios de subsistência.

Os bens que pagam a zakat são vários¹⁷. No que diz respeito ao comércio, tudo o que entra no campo comercial, quer terras, construções, máquinas ou quaisquer outras mercadorias, o comerciante inventaria anualmente seu comércio, somando ao estoque o dinheiro, descontando do total tudo o que ele deve a terceiros e paga o zakat na ordem de 2,5% do valor total dos bens que lhe restam.

Para efeitos do presente trabalho, a **Caridade Islâmica** pode ser entendida como uma acção desencadeada por determinados grupos sociais específicos (os comerciantes muçulmanos) num determinado dia de semana (a sexta-feira) no intuito de dar assistência a outros grupos sociais mais desfavorecidos na sociedade (os mendigos).

satisfazer as suas necessidades específicas e; é ainda legítimo, aquele que não tiver nada para satisfazer as suas necessidades básicas.

¹⁷ Existe o zakat que pode ser pago por ouro e prata; o Rikaz (o dinheiro que não tem dono ou deixado por alguém); dos animais domésticos; das frutas e grãos e no comércio.

Capítulo IV

Metodologia

Nesta secção vamos abordar, de forma detalhada, em que consiste o plano¹⁸ de como alcançar os objectivos propostos na nossa pesquisa com vista a respondermos as questões por nós colocadas e/ou testarmos as hipóteses formuladas; definir a população e a amostra; os instrumentos de medida utilizados; a colecta de dados e; por último, as dificuldades encontradas na realização do presente trabalho.

Para o efeito do trabalho, levou-se a cabo uma pesquisa bibliográfica sobre temáticas directa ou indirectamente relacionadas com o assunto em análise, que consistiu essencialmente numa análise documental (fontes escritas).

Na revisão preliminar da bibliografia pertinente, um dos objectivos foi o de caracterizar o uso de conceitos centrais envolvidos, nomeadamente, a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade islâmica, que são detalhados no nosso enfoque teórico.

Num segundo momento, a revisão de literatura tinha como objectivo fundamentar o problema, os objectivos (geral e específicos do presente trabalho), a pergunta de partida e as hipóteses da pesquisa com vista a familiarização com os trabalhos existentes relativos ao que tem sido feito, por quem, quando e, onde os mais recentes estudos foram realizados.

Por conseguinte, esta revisão bibliográfica subsidiou, por um lado, a construção da primeira moldura conceptual que ofereceu uma base para a derivação de hipóteses e sua fundamentação, bem como para a interpretação dos resultados da investigação. Por

¹⁸ Importa referir que optamos por uma pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia. Esta caracteriza-se por ser essencialmente descritiva. E, como os fenómenos estão impregnados dos significados e são produto de uma visão subjectiva, a interpretação dos resultados surge como a totalidade que tem como base a percepção de um fenómeno num contexto. (Triviños, 1987: 128) Com efeito, os resultados da presente pesquisa (mais adiante no capítulo sobre a apresentação e interpretação dos resultados) são expressos em descrições, declarações das pessoas, para dar o fundamento concreto necessário, acompanhado com fragmentos de entrevistas.

outro, permitiu-nos a identificação de categorias de análise e a elaboração do guião de entrevistas.

No que concerne à população alvo, esta é constituída pelos "mendigos de sextas-feiras". Dentro deste universo de pesquisa, seleccionou-se uma amostra composta por 34 pessoas de entre as quais 8 são comerciantes (3 do sexo feminino e 5 do sexo masculino) e, 26 dirigidas aos mendigos (12 do sexo feminino e 14 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 13 a 97 anos.

Na escolha desta amostra tendo em conta a distribuição por sexo, idade e ocupação, esperávamos encontrar, por um lado, a representatividade e, por outro, sobretudo no que concerne a ocupação, abordar o problema das duas maneiras: (a) descrever e analisar a caridade islâmica praticada pelos comerciantes, isto é, os critérios que os comerciantes usam para definir a mendicidade e, (b) descrever e analisar a forma como os mendigos procuram satisfazer esses critérios para representarem a sua condição de necessitados.

Assim, das entrevistas direccionadas aos mendigos seleccionamos 8 histórias de vida (4 do sexo feminino e os restantes do sexo masculino) e, 18 entrevistas para o resto da população mendiga.

Os instrumentos de medida utilizados foram as entrevistas semi-estruturadas na base dum roteiro de perguntas direccionadas aos comerciantes e aos mendigos. Optamos pelas entrevistas semi-estruturadas de forma a captar novos elementos na pesquisa. Este tipo de entrevista permitiu um aprofundamento do tema em estudo e colher informações do campo latente.

Sendo que nosso propósito é a análise da forma pela qual o fenómeno "mendicidade de sextas-feiras" se constitui a partir do conhecimento que os actores sociais têm da mesma realidade, as entrevistas não direccionadas para o tema

possibilitaram a colecta de informações elementares que nos permitiram analisar as praticas sociais que tornaram real a manifestação do fenómeno em análise.

Foi igualmente realizada uma observação directa com registo em diário de campo. Consideramos este, ser um método que nos permitiu captar os comportamentos e as relações sociais no momento em que elas se produzem sem a mediação de outros sujeitos, entre a informação procurada e a informação obtida (Quivy, 1992:164).

A colecta de dados foi realizada na cidade de Maputo junto aos estabelecimentos comerciais na Zona Baixa da cidade. Esta zona faz parte do DU1¹⁹. A escolha deste local prende-se pelo facto de existirem vários estabelecimentos comerciais próximos uns dos outros e, a maior parte dos comerciantes serem muçulmanos. Do lado de quem pede, sempre vem desembocar neste ponto da cidade para recolher a esmola tornando assim mais visível ou observável o fenómeno mendicidade.

As entrevistas dirigidas aos comerciantes foram feitas ao longo da semana e, para os mendigos tiveram lugar somente às sextas-feiras. A colecta de dados teve a duração de 3 meses, tendo sido iniciadas em Dezembro de 2003.

Finalmente, de referir que na realização deste trabalho contamos com constrangimentos financeiros para a cobertura de despesas que todo o trabalho de fim de curso exige e o encerramento da maior parte das bibliotecas da cidade durante cerca de 3 meses a partir dos finais do mês de Dezembro de 2003.

Outras ainda, relacionam-se com a própria colecta de dados no terreno. As entrevistas dirigidas aos mendigos somente foram feitas às sextas-feiras devido a dificuldade de localizar esta população alvo ao longo da semana; mesmo às sextas-feiras, os mendigos estão a correr de um lado para o outro para ver se conseguem maximizar a

¹⁹ Distrito Urbano número 1. Este é caracterizado pela predominância do sector terciário, (comércio, transportes, saúde e educação). Como refere Oppenheimer & Raposo (2002:24), o DU1 é também conhecido como "a cidade de cimento", de características europeias que dispõe de serviços e de infra-estruturas construídas no tempo colonial.

esmola. Somente após terem passado por vários estabelecimentos é que eles estavam disponíveis a colaborar. Do lado dos comerciantes, devido ao carácter da sua profissão difícil foi ter a sua devida atenção principalmente às sextas-feiras com a proximidade do fim-de-semana.

Todavia, apesar destes e outros constrangimentos à medida que decorria o trabalho, estes foram sendo ultrapassados, quer através de marcação de entrevistas ao longo da semana e fora das horas normais do desempenho da actividade comercial (para o caso dos comerciantes) e, quer através do contacto com os pequenos "líderes" dos grupos dos mendigos como estratégia que permitiu a colaboração dos mendigos sobretudo para a colecta de informação que diz respeito às suas histórias de vida.



Capítulo V

"A mendicidade de sextas-feiras"

Nesta secção procuramos apresentar e interpretar os dados colectados de acordo com o referencial teórico adoptado na presente pesquisa, de forma a termos indicações precisas sobre as dimensões e categorias de análise ou relações esperadas sobre as variáveis estudadas, a saber, a "mendicidade de sextas-feiras" e caridade islâmica.

O capítulo está estruturado em várias subsecções que procuram corresponder às perguntas que foram levantadas na problemática de forma a esclarecer as hipóteses inicialmente definidas. Na primeira hipótese, assumimos que existe uma relação entre a mendicidade de sextas-feiras e a caridade islâmica que se exerce precisamente nesse dia, o que contribui para uma forma específica de pobreza ("a mendicidade de sextas-feiras"). E na segunda, supomos que esta "mendicidade de sextas-feiras" é uma construção social.

Nas secções a que nos propomos apresentar veremos que destacam-se essencialmente dois grupos alvos que permitem construir a realidade "mendicidade de sextas-feiras". Por um lado, temos os comerciantes que providenciam a assistência e, por outro, as pessoas que vivem da assistência. Isto é, as pessoas que pedem esmola e que constituem os mendigos de sextas-feiras. Iniciemos então pelo processo de institucionalização da realidade social a que nos propomos estudar.

V. i. Institucionalização da "mendicidade de sextas-feiras"

Os comerciantes entrevistados dão assistência aos necessitados, ou seja, aos indigentes que a solicitam à sua porta do estabelecimento comercial. Esta é uma acção que se tornou habitual todas as sextas-feiras. Por ter se tornado frequente este tipo de acção, é visível um considerável número de pequenos grupos de pedintes de todas as idades sobretudo pelas manhãs nos passeios dos respectivos estabelecimentos comerciais.

Do lado dos comerciantes sendo estes muçulmanos, são guiados por certos princípios religiosos tais como a bondade, a solidariedade, o amor ao próximo e o significado especial que a sexta-feira tem para os dadores da assistência.

Referem eles (os comerciantes) que a sexta-feira é um dia sagrado e, é justamente este dia que todo o muçulmano deve realizar as boas acções, e neste contexto, a caridade aos necessitados, é uma forma de solidariedade para com as pessoas que vivem numa situação difícil, vulneráveis a todo tipo de carências sociais.

Como refere Abdalati (1999:141) a sexta-feira é um dia sagrado. O Profeta Muhamad²⁰ disse : " O melhor dia no qual o sol nasceu é a sexta-feira. Nele Adão foi criado e nele adentrou o paraíso, e nele saiu do paraíso e, somente numa sexta-feira ocorrerá o juízo final. No dia de sexta-feira há um momento que se o muçulmano o passar orando, o que solicitar de Deus, Ele o dará".

Os comerciantes ao darem esmola neste dia procuram sobretudo cumprir com um dos princípios básicos enraizados nos ensinamentos da própria religião, que é o de dar assistência aos necessitados, praticando deste modo as boas acções precisamente às sextas-feiras, por este ser um dia sagrado.

Esta esmola visa essencialmente reduzir ao mínimo o sofrimento dos pobres e necessitados. Mas também é um apelo para cada um se esforçar e trabalhar para melhorar a sua sorte. Para os pobres, esta esmola implicitamente ensina-lhes a não dependerem completamente dela, enquanto que para os contribuintes é um forte estímulo para ganhar mais. É um investimento espiritual que traz compensações: ser considerado crente, não pecador, purificação da alma e ter lugar no paraíso.

²⁰ Primeiro Mensageiro enviado por Allah para dissimular o Islamismo na Terra. Foi a este profeta que Allah através do Arcanjo Gabriel revelou-lhe o Alcorão. Alcorão este, que é o livro das revelações divinas e guia da Humanidade.

Para Berger & Luckmann, toda actividade humana está sujeita ao hábito e, qualquer acção frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão. Assim, sempre que há uma tipificação de acções habituais por tipos de actores ocorre a chamada institucionalização.²¹ Todas as sextas-feiras ocorrem tipificações que formam um determinado tipo de instituição que é a "mendicidade de sextas-feiras".

Sendo a "mendicidade de sextas-feiras" uma instituição existem processos rotinizados ou que se tornam hábito. Há tipificações sobre práticas sociais no exercício das actividades exercidas tanto pelos comerciantes assim como pelos mendigos que estão sujeitas a um hábito num determinado dia da semana.

Estas tipificações são indicadas a partir dos papéis sociais que ambos desempenham. Estes, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente de conduta. Assim, prevê-se um conjunto de papéis e comportamentos adequados ao desempenho desses papéis sociais.

Na realidade "mendicidade de sextas-feiras", podemos destacar dois tipos de papéis que representam a sua ordem social, nomeadamente, os próprios mendigos que ao apresentarem-se nos estabelecimentos comerciais procuram a todo custo corresponder aos critérios²² estabelecidos pelos comerciantes e, estes últimos, que desempenham o papel de doadores da assistência.

No tocante ao trabalho de dar esmola em geral quase todos os comerciantes entrevistados já tem o dinheiro preparado. Por vezes esse dinheiro é trocado em moedas nas vésperas para facilitar o trabalho. Para além destas são também oferecidas roupas e alimentos, tais como o pão.

²¹ A institucionalização pode ser entendida como o processo que consiste na tradução dos elementos culturais (ideias, símbolos, valores) em normas, papeis, regras que exercem um controle directo sobre a acção e interacção dos membros da colectividade. (Berger & Luckmann, 1991)

²² Dos quais iremos analisar quando estivermos a abordar a forma como os comerciantes definem o que deve ser um mendigo. Desenvolvemos mais adiante este assunto no acervo do conhecimento sobre o mendigo.

Através da observação directa feita junto aos estabelecimentos comerciais podemos constatar que os mendigos formam uma bicha por fora do estabelecimento e o comerciante vai distribuindo a esmola. Não existe uma lista específica dos mendigos, sendo que à medida que estes vão aparecendo, recebem a esmola.

É por meio do desempenho destes papéis que a "mendicidade de sextas-feiras" se incorpora às experiências dos indivíduos. Ao desempenharem papéis, quer os comerciantes, quer os mendigos participam de um mundo social e, por conseguinte, este torna-se e manifesta-se na experiência real para ambos. Se não vejamos, a começar com os depoimentos dos comerciantes:

"Todas as sextas-feiras faço a entrega da esmola às pessoas pobres que me vem pedir. Essa esmola, tenho dado aqui no meu estabelecimento comerciais. É às sextas-feiras porque este é o dia próprio para oferecer qualquer coisa para quem pede. É o dia da oferta, é também um dia de festa para nós, é um dia especial. (...) dar esmola significa a expressão de boa vontade de ajudar o outro. Procuo alcançar as boas acções e estas, penso que podem ser através da caridade que dou aos pobres pedintes".²³

Ou ainda:

" (...) dou esmola somente as sextas-feiras por este ser um dia sagrado para todos os muçulmanos. Allah diz: eu nomeio as pessoas na terra que vão ajudar as outras necessitadas. Então eu dou porque é um dever e vou ganhar uma recompensa de Allah. Ao dar esta esmola na minha loja, sei perfeitamente que ela vai para os legítimos beneficiários e tenho a certeza que vou ser recompensado. Os primeiros a se beneficiarem são os pobres, depois, sou eu".²⁴

E por último:

²³ Informante 1, comerciante muçulmano de 35 anos, sexo feminino, entrevistada na zona da baixa de cidade de Maputo.

²⁴ Do depoimento do informante 2, de 52 anos, sexo masculino, entrevistado na zona baixa da cidade de Maputo.

*"Tenho o hábito de dar esmola às sextas-feiras, porque este é um dia sagrado para todos os muçulmanos. Os mendigos sabem da importância que este dia tem para nós. (...) dar não tem que ser somente neste dia. Mas como eles sabem que é um dia sagrado, aparecem muitos deles a pedirem esmola e, nós não podemos negar de dar. Ao dar esta esmola estou a obedecer a Allah."*²⁵

Como refere o Alcorão no seu versículo Al Taubah 103 a caridade concorre para purificar a alma, livrando-a da alvareza, da gula e da ambição exagerada. Correspondendo às palavras de Allah "recebe dos seus pecúlios uma caridade que os purifique e os eleja e roga por eles e ao mesmo tempo alcançando suprir os poderes, os necessitados, as viúvas, os órfãos os idosos.

Com isto desaparecem os vestígios de inveja e da ira que poderão se manifestar nos pobres contras os ricos e imperará o amor, a cooperação e se espalhará a felicidade e o bem-estar e, é justamente isso que o Islamismo aspira. Assim, todo o muçulmano que cumprir com os preceitos chegará a Allah sem obstáculos. (Harairi, 1987: 59).

Por seu turno, ainda neste processo de institucionalização da realidade "mendicidade de sextas-feiras" ocorrem também um conjunto de tipificações por parte das pessoas que recebem essa assistência. Vejamos então os hábitos do lado dos mendigos que permitem institucionalizar a "mendicidade de sextas-feiras":

*"Sou mendigo às sextas-feiras mas somente quando não tenho nada para me alimentar. Trabalho por conta própria, sou jardineiro de profissão. Peço às sextas-feiras porque é o dia do crente muçulmano oferecer algo aos pobres. Eles sempre oferecem qualquer coisa para nós. Este é o dia que os comerciantes muçulmanos têm que agradecer a Deus e assim, eles oferecem algo aos pobres".*²⁶

²⁵ Depoimento do informante 3, 39 anos, sexo feminino, entrevistado na Zona Baixa de cidade de Maputo.

²⁶ Informante 1, 56 anos, sexo masculino, residente do bairro do Infulene e pedinte na cidade de Maputo. Entrevistado na zona baixa da cidade, Av. Guerra Popular.

*"Sou pedinte somente às sextas-feiras aos comerciantes muçulmanos. Pedimos neste dia porque eles, os comerciantes não negam de dar esmola neste dia. É um dia sagrado para eles. Para nós é o dia especial para pedir esmola, é o dia que tenho algo para comer"*²⁷.

*"Há um ano que sou mendigo e sou deficiente. Não tenho casa para morar e, costumo dormir no passeio do mercado da baixa. Peço esmola todos os dias. Comecei a pedir quando me tornei deficiente físico. A sexta-feira é o dia que consigo ganhar um pouco mais da esmola que os comerciantes muçulmanos dão. Vivo somente da esmola que me dão porque não tenho capacidades para trabalhar"*²⁸.

Os dados da pesquisa mostram ainda que a maior parte da população alvo entrevistada é mendiga somente às sextas-feiras, sendo que os restantes para além das sextas-feiras, são mendigos diários. Estes mendigos diários vivem nas ruas e pedem em outros locais, e não necessariamente nos estabelecimentos comerciais dos muçulmanos.

À parte das tipificações de ambas as partes que permitem visualizar o fenómeno "mendicidade de sextas-feiras", constatamos que, do lado dos comerciantes, as crenças religiosas desempenham um papel social importante ao explicarem a origem do facto de ter que dar a assistência aos necessitados. Elas explicam a maneira como para os actores sociais esta "obrigação", de ter que dar, é pensada, vivida e sobretudo legitimada pelos membros deste grupo.

Uma interessante discussão sobre esta questão é feita por Abdalati (1999:142), ao se referir que esta esmola é uma norma divina, uma prescrição de Allah. Não é uma questão pessoal, ou contribuição voluntária, mas uma obrigação pelo cumprimento da qual a pessoa é directamente responsável perante Allah.

²⁷ Informante 2, 31 anos, sexo feminino, residente do bairro Fomento e pedinte na cidade de Maputo. Entrevistada na zona baixa da cidade, na Av. Guerra Popular.

²⁸ Informante 3, de 47 anos, sexo masculino e pedinte na cidade de Maputo. Ouvido na Av. Karl Marx.

Esta caridade torna-se uma instituição divina que deve ser consolidada no interesse comum e que, portanto nenhum muçulmano deve eximir-se dela. Ela define-se como uma obrigação específica para todo o muçulmano e, é uma manifestação viva com significado espiritual e humanitário.

Embora o facto de ter que dar algo a alguém seja, em grande parte movido por uma crença religiosa, existe uma outra componente que força aos comerciantes a darem assistência aos necessitados. Esta é uma componente social. A pesquisa constatou que para além de se estar a cumprir com uma das obrigações religiosas, dá-se assistência por razões de solidariedade. Os comerciantes entrevistados afirmam que as crenças religiosas desempenham um papel importante no facto de ter que dar, mas que também existe uma componente social. Por detrás das suas acções existe uma outra realidade social, que se exerce sobre todos e que faz com que as pessoas dêem esmola aos pobres.

Como podemos constatar a partir dos depoimentos que se seguem:

*" (...) por duas razões dou a esmola: a primeira e principal porque é uma obrigação na religião ter que dar esmola aos pobres. Dentro das capacidades de cada um vamos ajudando os outros. Mas não só às sextas-feiras dou esmola. Nos outros dias também dou, quer na loja, assim como tenho enviado donativos para um fundo comum na comunidade muçulmana, isto porque gosto de ajudar pessoas carenciadas (...) "*²⁹

Outros referem ainda que:

*" (...) os mendigos sabem que nós não podemos recusar a oferecer algo às sextas-feiras. Dar algo a alguém pode ser num outro dia e não somente sexta-feira. Por exemplo, às vezes eu dou esmola porque somente tenho o desejo de praticar uma boa acção. Assim, não espero a sexta-feira, vou dando, ou ainda, quando desejo que o negócio corra bem, uma forma de ter essa recompensa é ter que dar esmola. mas também faço isso porque quero ajudar o próximo "*³⁰

²⁹ Informante 4, de 40 anos, sexo masculino, ouvido na Av. Guerra Popular

³⁰ Informante 5 de 48 anos, sexo feminino, ouvido na mesma zona.

Num estudo sobre o "Enigma da Dádiva", Maurice Godelier (1970: 122;123), refere que as coisas dadas, ou seja, os objectos de dádiva não se deslocam para nada. A natureza dessas coisas dadas manifesta as intenções de quem as dá e o contexto em que é dado. Esses objectos são sempre postos em movimento pela vontade dos homens, mas esta vontade, é ela própria animada por forças subjacentes, por necessidades impessoais, que agem permanentemente sobre os indivíduos.

Assim, dar é instituir uma dupla relação entre quem dá e quem recebe. No caso concreto da "mendicidade de sextas-feiras" podemos considerar que o comerciante ao dar a assistência, está a instituir uma relação de solidariedade e de dependência para com as pessoas carenciadas. A primeira relação, a de solidariedade, pode ser entendida no sentido de que embora a esmola seja obrigatória, os comerciantes dão-na aos mendigos por razões de solidariedade, visto que quem dá, partilha o que tem, ele pretende acima de tudo ajudar o próximo necessitado.

A segunda relação, a de dependência, pode ser entendida em dois sentidos. Por um lado, existe uma espécie de "débito de gratidão" por parte de quem recebe. São os laços de dependência dos mendigos para com os comerciantes, já que aquele que recebe e aceita a esmola, fica em dívida para com quem a deu. O mendigo torna-se seu devedor, ficando assim até certo ponto sob sua dependência. Isto porque, quando existe uma grande distância social entre quem dá e quem recebe e, muito mais quando a pessoa que recebe não pode retribuir esse gesto de solidariedade, a relação que se estabelece nessa interacção é uma relação de dependência.

Por outro lado, embora de forma implícita, existe uma dependência do lado dos comerciantes para com os mendigos. Eles precisam dos mendigos para poderem "mostrar solidariedade" e, por via disto, adquirir os meios de salvação no além que a prática lhes proporciona. Em outras palavras, eles precisam que apareçam mendigos nos seus estabelecimentos para poderem praticar as "boas acções" que lhes vão permitir viver em paz e ter a certeza de ser recompensado. O que se manifesta através dos objectivos que perseguem, das acções que levam a cabo não é apenas as suas vontades não pessoais, mas

antes, necessidades não pessoais ligadas à natureza das relações sociais que imprimem a identidade social desse grupo.

Assim, a assistência produz dependência e, ao mesmo tempo, o estatuto das pessoas, a origem da identidade social dos indivíduos ou grupos, num mundo onde as relações sociais são produzidas pela instituição desses laços sociais. Este é um dos mecanismos ocultos que se podem encontrar nas formas de pobreza que emergem como socialmente invisíveis.

Para terminar o processo de institucionalização da "mendicidade de sextas-feiras", de referir que por um lado, temos as práticas sociais dos comerciantes muçulmanos às sextas-feiras de ter que dar assistência a alguém por este ser considerado um dia santo e que todas as "boas" acções devem ser realizadas e, por outro, a dos mendigos que sabendo da existência dessas práticas usam-nas como tácticas para poderem passar a se beneficiar dessa caridade. De seguida, vamos analisar a forma pela qual ambas as partes definem um "mendigo".

V. ii. Acervo/ estoque de conhecimento sobre o "mendigo"

Procuramos nesta secção abordar as percepções sociais que os mendigos e os comerciantes têm sobre o que é ser um "mendigo" na sociedade. Dito diferentemente, como é que, por um lado, os comerciantes definem os mendigos e, por outro, como é que os próprios mendigos definem um "mendigo" na sua perspectiva.

Em qualquer sociedade existe um corpo de conhecimento que é transmitido como receita e que este, vai fornecer as regras de conduta que legitimam essa ordem. A este corpo de conhecimentos, Berger & Luckmann chamam de *acervo ou estoque de conhecimento*.

Este pode ser entendido como "a soma de tudo aquilo que todos sabem" a respeito do mundo social, nomeadamente, todo um conjunto de valores e crenças, mitos, princípios morais, máximas morais, frases proverbiais. (Berger & Luckmann, 1991).

Dentro deste estoque de conhecimento existem as percepções sobre o "mendigo". Estas percepções permitem localizar essas pessoas numa determinada sociedade. Mas também ao localizar as pessoas, neste contexto os mendigos, ficamos a saber de que forma devemos nos lidar com eles e, como cada um (mendigo) deve procurar representar o seu papel de forma a ser aceite como tal na sociedade em particular, pelo comerciante.

Em geral, o que os comerciantes sabem acerca dos mendigos é que estes devem ser indigentes idosos, desamparados, deficientes sem capacidades para trabalhar e abandonados à sua sorte. Estas pessoas formam uma categoria de necessitados, uma categoria social distinta. Os dados da pesquisa revelam que grande parte dos comerciantes que foram entrevistados, referem que é em termos de necessidades que consideram uma pessoa mendiga.

Para alguns houve uma certa dificuldade em explicitar os critérios usados para definir o mendigo. Referiram eles, que era apenas pelo facto de os mendigos serem pedintes, de estarem nos passeios dos seus estabelecimentos a mendigarem que os consideravam mendigos. Isto prende-se pelo facto de existirem os "falsos mendigos".

Se não vejamos:

*"Um mendigo é uma pessoa necessitada, pobre, indigente. Ele não tem o mínimo para viver e recorre pedindo aos outros algo para comer"*³¹.

Ou:

*"Mendigo é aquele que vive de esmola. É a pessoa que espera que os outros dêem algo para comer"*³².

³¹ Informante 1, entrevistado na Av. Karl Marx:

³² Informante 2 entrevistado também na Av. Karl Marx:

Ou ainda:

*"Sei que uma pessoa é mendiga pela maneira de ser. É fácil e é visível. Eles sempre andam em pequenos grupos e os objectos que eles andam com eles, como por exemplo os sacos ou cestos na mão contem sempre algo que já receberam da esmola e, quando chegam formam uma bicha à porta da loja"*³³.

É em termos de necessidade que os comerciantes definem os seus pobres, os tornam visíveis e objectos de ajuda ou assistência. O conhecimento que se tem acerca da pessoa necessitada é de que não basta que ela seja pobre, mas que para viver ela recorre a determinados grupos sociais para ver as suas necessidades básicas necessárias³⁴ satisfeitas. Com efeito, os pobres aparecem à porta das lojas para pedirem esmola com maior incidência todas as sextas-feiras.

O sociólogo alemão G. Simmel (cit. por Hvinden, 1999?), refere que a ajuda providenciada aos pobres é importante na constituição de uma categoria social distinta. Ninguém é pobre a não ser que receba assistência por parte de outros segmentos da sociedade, ou que deveria tê-la conforme as normas da sociedade. Eles são objectos de reacções de outros, a título de exemplo, medidas de controlo ou alívio ou assistência por parte de indivíduos.

Isto pode significar que os comerciantes ao usarem os seus critérios para dar assistência estão em simultâneo a definirem os seus mendigos, quem merece ser ajudado ou não e, quem deve ser considerado pobre ou não. A condição dos mendigos de sextas-feiras não é portanto, uma condição essencial. Ela existe, ou torna-se visível a partir do momento em que os comerciantes procuram ajudar os pobres dando assistência aos seus pobres as sextas-feiras.

³³ Informante 3, entrevistado na Av. 25 de Setembro:

³⁴ Tais como, se alimentar, vestir, ter acesso à educação, saúde para si e seus dependentes.

À par deste processo de definição dos mendigos, por parte dos comerciantes, podemos aqui reconhecer a existência de representações sociais³⁵, sobre o "mendigo". Estas representações são também um processo de classificação e nomeação, um método de estabelecer relações entre categorias e rótulos.

Quando os comerciantes classificam e rotulam as pessoas de mendigas estão a atribuir um valor e uma posição dentro da ordem social. Tal decisão não é neutra. Implica uma atitude para com a pessoa e um desejo de considerá-la "normal" ou "desviante". Em outras palavras, trata-se de considerar as pessoas de "mendigos" ou "falsos mendigos". Estes conhecimentos estão orientados para um mundo social e dão sentido às suas práticas sociais.

Constatamos que nas definições sobre o "mendigo" para além da necessidade³⁶ existem dois tipos de critérios, nomeadamente, a idade: os idosos, os jovens e as crianças e a condição física: os deficientes. Entretanto, a necessidade por si só não basta. Embora sejam considerados "mendigos" todos os que vivem da assistência dos comerciantes, os idosos e os deficientes é que são considerados "verdadeiros mendigos". Estes são tidos como os mais vulneráveis e sem capacidades para trabalhar. Os jovens e as crianças são os que têm mais dificuldades de serem aceites como "mendigos".

Se não vejamos:

"É um pouco difícil dizer quem é mendigo de verdade. Isto porque há falsos mendigos que vem pedir esmola em nome de Deus. Os verdadeiros mendigos, posso considerar os deficientes e os mais velhos. Destes, a maior parte não têm, como desenvolver algum tipo de trabalho. Para mim, a roupa velha não é um sinal de ser ou não mendigo. Nós oferecemos roupa aos mendigos e eles vestem essas roupas quando

³⁵ Entendidas como "teorias que as pessoas têm sobre a natureza dos eventos, objectos e situações em seu mundo social" (Leme, 1989:51). Elas indicam um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária.

As representações sociais são também construções e têm uma função de orientação: conhecimentos sociais que situam o indivíduo no mundo, e situando-o, definem sua identidade social, seu modo de ser particular.

³⁶ A necessidade para os comerciantes é o facto de os mendigos viverem da sua assistência, é o lado material da pobreza.

vem ter connosco. Então, vestir bem não significa que tenha alguma coisa para comer na sua casa"³⁷.

Os dados revelam ainda que embora não hajam nomes específicos e/ou especiais para os mendigos e que todos eles são integrados na categoria de necessitados, há uma percepção da existência de "falsos mendigos" dentro das 2 categorias de mendigos acima referidas.

São considerados "falsos mendigos" as pessoas mais jovens que constituem os mendigos de sextas-feiras e as crianças. Estes dois grupos são localizados na sociedade como pessoas que têm capacidades para trabalhar e para estudarem respectivamente. São conotados de preguiçosos e vigaristas e, que se querem aproveitar da bondade dos outros. Há uma tendência de se ignorar as oportunidades que o mercado de trabalho pode abrir para estas pessoas, no caso dos jovens.

Por seu turno, os mendigos também têm suas definições acerca do que é ser um "mendigo" na sociedade. Isto é, a ideia que eles têm sobre eles próprios. De um modo geral é que um "mendigo" na sociedade deve ser uma pessoa pobre, idosa, desamparada, deficiente, mal nutrida, mal vestida. A estes atributos acrescenta-se sobretudo o facto de viver de ofertas dos outros, de sair à rua à procura de esmola. O mendigo é retractado e representado como uma pessoa sofredora que para se alimentar a si e os seus dependentes depende de outras pessoas. Mendigo é aquele que vive da ajuda do comerciante que às sextas-feiras se dispõe a oferecer algo aos pobres.

A forma pela qual os mendigos identificam os outros mendigos ou aos seus colegas de profissão é através da forma pela qual eles se apresentam no desempenho da sua actividade quotidiana, quer através dos pequenos grupos que caminham sempre apressados e ao chegarem ao local onde recebem a oferta, formarem uma fila por fora do estabelecimento; a maioria é idosa acompanhada de crianças; quer ainda através dos

³⁷ Informante 4, ouvido na Av. Josina Machel:

objectos que trazem consigo nomeadamente, mais que um cesto ou plástico já gasto contendo pão e, ou outros produtos que recebem da esmola.

Através do que os mendigos sabem que o dador da assistência sabe sobre ele próprio, este último, sabe como deve fazer ao chegar ao local onde se pede a esmola, qual é o perfil que é aceite e como devem se apresentar.

Eis algumas definições do que é um mendigo, na perspectiva dos próprios mendigos:

" (...) mendigo é uma pessoa mais velha ou deficiente, ou ainda doente, que não tem nada para viver e comer que é a coisa mais importante.. Vive mal, por isso que ele pede esmola, porque não tem posses nenhuma. Não tem quem cuida dele. Sei que se trata de um mendigo porque pede as sextas-feiras. Fica nas fileiras das lojas para pedir"³⁸

Ou:

" Mendigo é aquele que não tem nada para comer. Ele é pobre e já não aguenta trabalhar, ou porque é idoso, deficiente ou doente. Muitos destes velhos e deficientes foram abandonados, outros ainda tem netos para criar, mas que já não conseguem fazer nada, por isso vão à rua pedir "³⁹

Outra ainda:

"Mendigo é aquele que vive na pobreza. Há dias que passa fome, não tem nada para comer, tem filhos mas que não podem estudar porque não tem dinheiro. Quando está doente, não tem dinheiro para comprar medicamentos. Assim, ele pede ajuda aos outros para poder viver"⁴⁰

³⁸ Informante 1, entrevistado na Av. Josina Machel:

³⁹ Informante 2, entrevistado na Av. Guerra Popular:

⁴⁰ Informante 3, ouvido na Av. 25 de Setembro:

Uma outra percepção:

*"Mendigo é pobre. Ma não basta ser somente pobre. Ele tem que pedir a outras pessoas que têm para ele poder continuar a se alimentar e vestir"*⁴¹.

Entretanto, existe uma outra percepção do que pode vir a ser um mendigo. Os resultados revelam que as mulheres seleccionadas do grupo alvo dos mendigos, defendem que o estado civil permite no seio das mulheres definir quem é ou não é mendigo. Pelo facto de se ser viúva ou não ter marido, é considerada como mendiga.

O nosso estudo constatou ainda que estas mulheres que se consideram mendigas pelo facto de não terem um marido assumem, na sua maioria, o papel de "chefes de família"⁴². Destas mulheres depende o sustento da sua família, ela é que inventa, procura formas de garantir a sobrevivência da sua família. Senão vejamos:

*"Mendigo é uma mulher que não tem marido. Quando a mulher não tem marido ela é pobre porque não tem valor na sociedade. Ela é abandonada por todos". Pensei na situação dos meus filhos, não tive ninguém, nenhum apoio familiar"*⁴³.

Ou:

*"As mulheres que não têm marido são mendigas, isto porque não têm marido que cuide delas. Elas passam a viver de ofertas. Elas estão desamparadas. Os filhos as abandonam. E eu, como não tenho marido sou mendiga"*⁴⁴.

Mais ainda:

⁴¹ Informante 4, ouvido na Av. 25 de Setembro:

⁴² Considera-se mulheres chefes de família, as que mulheres que chefiam as famílias e seus filhos, no status de viúva, separada, abandonada ou mãe solteira (Andrade et al, 1998). Em muitos destes casos, a tradicional solidariedade familiar não se realiza, ou por falta de condições ou, porque a família não está presente ou ainda, se desintegrou. Em diferentes situações são as próprias que assumem a responsabilidade pelo grupo familiar que em conjunto desenvolvem estratégias para continuar a vida.

⁴³ Informante 5, entrevistada na Av. Karl Marx:

⁴⁴ Informante 6, entrevistada na Av. Guerra Popular:

*"Uma mulher que não tem quem cuide dela é mendiga. Se ela tiver filhos enquanto não trabalha, e não tem marido só pode recorrer aos outros para ter qualquer coisa para comer e para dar aos seus filhos"*⁴⁵.

Existe sempre aquilo que se pode chamar de um *Stock* de conhecimento à mão. O Homem, na sua vida diária, tem a qualquer momento um *stock* de conhecimento à mão que lhe serve de código de interpretação das suas experiências passadas e presentes, e também sua antecipação das coisas que virão. Esse *stock* foi constituído de e, por actividades anteriores da sua experiência da sua consciência, cujo resultado tornou-se agora sua posse (Schutz, 1979: 74).

Constatou-se também que os mendigos acusam os outros de "falsos mendigos". Na óptica dos próprios mendigos, os "falsos mendigos" são aqueles que andam muito sujou, rontos para ludibriar os comerciantes. Eles pedem esmola não por necessidade mas simplesmente para venderem o que dessa actividade ganham para no final, embriagarem-se. Estes são considerados como vagabundos vigaristas e preguiçosos porque podem trabalhar. Vejamos:

*"Há pois pessoas que estão aqui mas que não são mendigas. Estas pessoas não passam fome, não sabem o que é não ter nada para viver. Algumas delas tem assistência por parte do Estado, elas recebem pensões mas ainda vem pedir esmola. Já se deu o caso de uma pessoa que veio tirar um falso mendigo que é seu familiar nas bichas. Outros são os mais jovens que por ver chegar o fim-de-semana, querem beber ou se drogar, e vem também pedir esmola"*⁴⁶.

Ao procurarmos trazer o que os dois grupos que produzem "a mendicidade das sextas-feiras" pensam e sabem do que é um "mendigo" na sociedade, os dados revelam

⁴⁵ Informante 7, também entrevistada na Av. Guerra Popular:

⁴⁶ Informante 8, entrevistada na Av. Josina Machel:

que não existem contradições entre o que os comerciantes definem como é, e o que deve ser um mendigo, e o que os próprios mendigos pensam deles próprios no desempenho da sua actividade quotidiana.

Para os comerciantes, o mendigo tem que ser necessitado, tem que viver da esmola, mas isto não basta. É necessário que ele tenha uma certa condição física, neste caso, a deficiência ou, que seja idosa e desamparada, para poder ser aceite como mendigo sem nenhum problema.

Os mendigos procuram responder as expectativas dos comerciantes em relação ao que se pensa e espera de um mendigo. É para ele também um "mendigo" a pessoa que vive em situação de pobreza extrema que o leva à rua. Entretanto para além deste aspecto, considera-se o facto de se não ter um marido para o caso das mulheres desamparadas.

Embora para os mendigos, também o vestuário, os objectos que trazem sempre consigo não tenham, grande peso na definição do que pode vir a constituir um "mendigo", este é usado como uma tática para poder ser receptor da esmola sem grandes dificuldades, sobretudo se a pessoa é mais jovem. Esta diferença deve-se ao facto de o mendigo estar do lado de quem deve fazer de tudo para ser aceite pelo dador da esmola como um mendigo.

É sobretudo a partir deste acervo de conhecimento que cada grupo se socorre no desempenho das suas práticas sociais no seu dia a dia. Por um lado, para se saber a quem se deve dar a esmola e, por outro lado, como se apresentar para se ser aceite como mendigo.

V. iii. Sedimentação do Conhecimento

A sedimentação do conhecimento se refere ao processo em que as experiências humanas são cristalizadas e retidas nas consciências humanas como entidades reconhecíveis. A sedimentação implica uma institucionalização e é incorporada em um acervo de conhecimento (Berger & Luckmann 1991:95).

Para que um indivíduo dê sentido à sua biografia é necessário que ocorra esta sedimentação. Quando estas experiências se encontram sedimentadas, são transmitidas de geração em geração.

Por outro lado, a sedimentação implica historicidade e controle social. Relativamente à historicidade, pelo simples facto de existirem, as instituições têm uma história. No caso dos mendigos eis algumas das trajectórias de vida que mostram como os indigentes entram para a mendicidade ou se tornam mendigos:

"Há um ano que sou mendigo e sou deficiente. Não tenho casa para morar e, costume dormir no passeio do mercado da baixa. Peço esmola às sextas-feiras. Comecei a pedir quando me tornei deficiente físico. Não tenho nenhum tipo de assistência por parte do Estado. A sexta-feira é o dia que consigo ganhar um pouco mais da esmola que os comerciantes muçulmanos dão⁴⁷.

Vivo somente da esmola que me dão porque não tenho capacidades para trabalhar. Por isso considero-me mendigo porque não tenho como trabalhar e dependo da esmola que me dão. Sou mendigo porque sou sofredor, sou pedinte.

Ou:

" Sou alfaiate de profissão e por causa da idade e doença, já não aguento trabalhar. Entrei para a mendicidade em 1994. Eu peço somente às sextas-feiras. Recebo

⁴⁷ Informante 1, 47 anos, sexo masculino e pedinte na cidade de Maputo. Ouvido na zona baixa da cidade, na Av. Guerra Popular.

assistência mas esta não chega nem para nada. Tenho filhos mas estes não cuidam de mim. Os restantes dias nada faço, fico a espera da sexta-feira para pedir esmola porque este é o dia da esmola. É o dia que nos dão esmola. Este é um bom dia para pedir esmola. Não me sinto nada inútil"⁴⁸.

Quando questionados os comerciantes sobre como explicam a mendicidade na cidade Maputo, a maior parte refere que esta sempre existiu, sempre deram esmola, todavia, a partir do início da década 90, foram observando uma maior manifestação dos mendigos nos seus estabelecimentos.

As razões deste afluxo dos mendigos, dadas pelos comerciantes, foram encontradas na falta de emprego, famílias desintegradas devido a pobreza, na falta de assistência por parte do Estado para com os idosos e deficientes, no custo de vida elevado, entre outros. Do resumo dos depoimentos dos comerciantes, podemos perceber que:

" Em todos os países sempre existiu pobreza e no seu caso extremo, mendigos. Há sempre ricos e pobres, mas no nosso caso, se a assistência social cobrisse a todos os necessitados, não existiriam muitos mendigos. A mendicidade explica-se porque há muitos idosos e deficientes que não têm capacidades para trabalhar mas que precisam de se alimentar e não têm onde recorrer. Mas também há muitas pessoas que mendigam por falta de emprego. A vida está cara e muitas famílias abandonam os seus pais, filhos, avós, porque não está fácil pagar os cuidados médicos, a educação e todas outras coisas mínimas necessárias para continuar a vida"

Os dados da pesquisa apontam apenas para um número não considerável da população mendiga que recebe assistência por parte do Estado. Mesmo recebendo esta assistência elas recorrem à mendicidade. Temos em Moçambique um sistema de

⁴⁸ Informante 2, 73 anos, sexo masculino, residente no Zimpeto. Entrevistado na zona baixa da cidade de Maputo, Av. Karl Marx.

Segurança Social, em particular a Assistência Social que é destinada aos pobres, que em muitos casos é tão insignificante.

Para além deste aspecto, como refere Buque (2003), o impacto do Programa de Subsídio de Alimentos é limitado e que os actuais critérios de elegibilidade ao nível da Rede de Protecção Social⁴⁹ são restritos. Há uma aplicação incorrecta dos critérios de elegibilidade que fazem com que os não elegíveis tenham acesso em detrimento dos potenciais beneficiários. Por outro lado, os valores atribuídos para subsidiar a alimentação não respeitam a situação real do país e não resolvem os problemas reais dos necessitados que têm direito a essa assistência.

No que se refere aos "mendigos" que se encontram na categoria de crianças e jovens, nas suas trajectórias de vida como "mendigos" encaram certas dificuldades para serem aceites como tal. Senão vejamos:

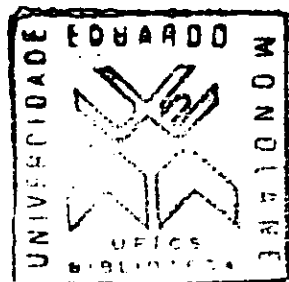
"Sou pedinte somente às sextas-feiras. Tenho três irmãos, um de 17, 8 e 6 anos e, todos nós pedimos aos comerciantes muçulmanos. Pedimos neste dia porque, os comerciantes não negam de dar esmola neste dia. É um dia sagrado para eles. Para nós é o dia especial para pedir esmola⁵⁰.

Vivemos com a nossa avó que é idosa e que também é mendiga. Fomos abandonados pelos nossos pais há bastante tempo. Não temos nada e, nem nenhum tipo de assistência. Somos dois que estudamos, porque o dinheiro não chega para todos nós.

Andamos a pedir esmola para poder ter o que comer. Ninguém nos ajuda. Nos outros dias da semana, costumamos fazer trabalhos domésticos nas casas para ajudar em alguma coisa e, temos trabalhado também nas machambas.

⁴⁹ Esta Rede pode ser entendida como o sinónimo de Segurança Social que inclui uma gama de Políticas e Programas de Assistência Social dos quais já nos referimos anteriormente.

⁵⁰ Informante 3, 13 anos, sexo masculino, residente no bairro do Hulene e pedinte na cidade do Maputo. Entrevistado na zona baixa da cidade, na Av. Karl Marx.



A vida de mendigo é difícil por ter de depender da esmola. Principalmente para nós que somos crianças desamparadas e temos que andar a pedir. Em algumas lojas não nos aceitam como mendigos, obrigam-nos a ir para a escola e deixar de pedir. Mas nós não temos outra saída. Fomos abandonados desde muito cedo".

Outro:

"A partir de Outubro de 2000 entrei para a mendicidade. Não peço esmola todos os dias, mas somente às sextas-feiras. Sou uma pessoa doente, sofri queimaduras e fiquei internada no hospital durante muito tempo. Por ter queimado todo o corpo, fiquei incapacitada de trabalhar. Vivo com o meu avô, que é idoso. Ele também vive pedindo esmola às sextas-feiras quando aguenta sair de casa. Pedimos às sextas-feiras porque este é o dia da esmola⁵¹.

Por eu ser mais jovem às vezes tenho dificuldades de receber a esmola em alguns sítios. Me chamam de preguiçosa e que quer viver às custas dos outros. O meu avô não tem tido esses problemas de não ser aceite como mendigo, por causa da idade. É assim como vivemos, há uns que têm e, os outros que não têm nada para comer".

À luz da teoria "construção social da realidade" de Berger & Luckmann (1991: 41) as facetas rotineiras da vida quotidiana podem ser apreendidas com ou sem interrupções. Trata-se do mundo problemático e do mundo não-problemático. O não problemático é quando o mendigo não é suspeito de ser "falso mendigo". Ele passa a desenvolver a sua actividade sem nenhuma complicação. Recolhe a sua esmola sem precisar de justificar a sua condição.

Entretanto, o grande problema no dia a dia dos mendigos é quando este não é considerado mendigo pelo dador da esmola. Passa a ser acusado de estar a enganar os

⁵¹ Informante 4, 31 anos, do sexo feminino, residente na Matola 700 e, pedinte na cidade de Maputo. Entrevistado na zona baixa da cidade de Maputo, Av. Karl Marx.

comerciantes, de ser um jovem preguiçoso, de ser uma criança da rua que não quer voltar para casa e estudar. Aí é que o mendigo faz o uso das suas táticas para que a sua condição de mendigo volte a normalizar-se.

Isto remete-nos para o que Michel de Certeau (1996) chamou de estratégias e táticas que os actores sociais utilizam nas suas acções quotidianas. O que distingue uma das outras é o tipo de operações nos espaços onde elas se desenvolvem.

As estratégias são capazes de produzir mapear e impor. Elas referem-se ao cálculo ou a manipulação das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de poder e querer pode ser isolado (Idem, 1996: 99). No contexto da "mendicidade de sextas-feiras", a estratégia é utilizada pelos comerciantes uma vez que os critérios de selecção das pessoas que têm direito à assistência dependem dele próprio. Toda a racionalização estratégica lhe postula um lugar susceptível de ser circunscrito como algo próprio, um lugar de poder e querer próprio.

Do lado dos mendigos, poderíamos dizer que eles utilizam as táticas nas suas operações do quotidiano. Estas referem-se a acção calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. Dito diferentemente, o mendigo não tem por lugar senão o do outro. Ele para ser aceite como tal, joga com o terreno que lhe é imposto. Para os mais jovens e crianças a tática desenvolve-se dentro do campo e critérios definidos pelos comerciantes. Aproveita as ocasiões e consegue receber esmola onde por vezes não lhe é cedida.

Assim, as práticas do quotidiano da "mendicidade de sextas-feiras" estão na dependência deste conjunto de procedimentos de esquemas de operações. Por um lado, as táticas do mendigo que são determinadas pela ausência de um poder. O mendigo sendo ele um pobre sem recursos para satisfazer as suas necessidades básicas cada um no seu dia a dia tem a sua forma de sedimentar a experiência. Por outro lado, a estratégia que é utilizada pelos comerciantes e é organizada pelo postulado de um poder económico que lhe permite dar a quem ele acha ser um "pobre", um "mendigo" um "indigente".

As táticas usadas pelos mendigos, podem ser também analisadas no quadro do que Jesuíno (1996) chamou de táticas de persuasão para convencer aos comerciantes que ele deve ser receptor da esmola. A persuasão é um processo de influência social visando convencer que as nossas propostas são razoáveis ou válidas.

O argumento desta tática apresenta duas formas: uma activa e outra defensiva. (Idem, 40). No contexto da nossa pesquisa, a argumentação activa pode ser entendida como o argumento que procura convencer ou persuadir o comerciante. O mendigo para convencer dispõe de provas de que é um indigente.

Vejamos o resumo das histórias de vida dos mendigos entrevistados na zona baixa da cidade de Maputo:

" Dê-me a mim também. Eu sou um pobre igual a outro que o senhor acabou de dar esmola. Não tenho nada para comer em casa. Sou um doente, não trabalho e tenho filhos para cuidar. Eu sou um sofredor igual a muitos outros que estão a pedir, senão não estaria aqui e sei que o senhor cuida dos pobres."

Na argumentação defensiva, o mendigo coloca as objecções às razões da outra parte, neste caso às do comerciante. Ele contesta e rejeita os argumentos do comerciante. Para isso, invoca princípios e pormenores de carácter secundário, tais como, deixar que seja o comerciante a falar em primeiro lugar, para de seguida ele usar vários argumentos, passando dos factos aos valores e princípios.

Estratos de um modo geral dos depoimentos de mendigos de sextas-feiras:

" (...) eu não estou a lhe enganar, dizendo que sou pobre enquanto não sou. Prefiro pedir, porque sei que nada tenho e não gosto de roubar. Roubar é feio e vale mais pedir. Se tivesse um emprego, não estaria a pedir".

Uma outra tática está relacionada com o tom de linguagem, que é ponderada. É habitual o uso de um tom moderado, isto porque o mendigo reflecte sobre o que poderá acontecer se não chegar a um acordo negociado com o dador da esmola.

Num estudo sobre "A Representação do Eu na Vida Quotidiana", Goffmann (1981) refere que quando um indivíduo chega à presença de outros, estes procuram obter informação a seu respeito, ou trazem à baila a que já possuem. Estão interessados no que pensa de si mesmo, na atitude à respeito deles, confiança, etc. Esta informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar.

No contexto da nossa pesquisa, do ponto de vista do mendigo, quando este se apresenta perante os comerciantes pode desejar que pensem muito bem dele, ou seja, que o considerem como mendigo para poder ser receptor da esmola. Assim, existe uma boa razão que leve o mendigo a actuar de forma a transmitir aos comerciantes a impressão que lhe interessa transmitir.

Por seu turno, as instituições implicam também o controle social. Controlam a conduta humana estabelecendo padrões de comportamento. Existem normas e regras de conduta para ser aceite como mendigo e que permitem um controle social.

Para os mendigos embora a roupa "não tenha muita influência" para se ser aceite como mendigo, por arte do comerciante, o "vestir-se bem" está fora das normas de conduta. É regra geral chegar-se a um estabelecimento cumprimentar e estender a mão e, após receber a oferta, agradecer. Estas normas são socialmente conhecidas e compartilhadas pelos membros dos grupos dos mendigos. Isto deve-se ao facto de as instituições terem um corpo de conhecimento transmitido como receita que diz o que deve ou não ser feito para se legitimar essa ordem. De seguida, passamos a explicar o processo de legitimação.

V. iv. Legitimação da "mendicidade de sextas-feiras"

A legitimação é entendida como o "processo de "explicação" e "justificação" da ordem institucional, dando dignidade normativa a seus imperativos práticos". (Berger & Luckmann: 128). Ela implica o conhecimento dos papéis que definem as acções "certas e erradas". Estas explicações são instrumentos legitimadores.

A legitimação não diz apenas aos mendigos porque devem realizar uma acção e não outra, mas também porque as coisas são o que são, quando, onde, como pedir esmola e como identificar os seus colegas de profissão.

Para os mendigos que pedem somente às sextas-feiras este dia é considerado como o dia da esmola, é o dia que se oferece a caridade. Mas também é o melhor dia para se pedir esmola. A sexta-feira é o dia do crente muçulmano oferecer algo aos pobres. Eles sempre oferecem qualquer coisa. Este é o dia que os comerciantes muçulmanos têm que agradecer a Deus e assim, eles oferecem algo aos pobres⁵².

No processo de legitimação podemos destacar três níveis, a saber, a legitimação incipiente, as proposições teóricas em forma rudimentar e, as teorias explicativas.

Ao primeiro nível, pertencem todas as afirmações tradicionais simples do tipo "é assim que se faz as coisas", em resposta ao porquê das coisas. Este nível é pré-teórico. Assim, um mendigo aprende que outro é mendigo, informação esta, que imediata e inerentemente legitima a sua conduta com relação aos outros mendigos que é aprendida conjuntamente com a própria designação de mendigo. Vejamos:

"Não é difícil saber que um mendigo é mendigo. Não preciso que alguém me diga que esta ou aquela pessoa é mendiga. Os mendigos andam sempre em pequenos grupos e esperam cá de fora para receber esmola. São os velhos desamparados, deficientes

⁵² Percepção de um modo geral de todos os mendigos entrevistados na Baixa da Cidade de Maputo.

crianças e mesmo jovens. O que ele traz consigo também permite dizer se é ou não é pobre e pedinte"⁵³.

O segundo nível de legitimação, contém preposições teóricas em forma rudimentar. Podemos encontrar esquemas próprios explicativos e pragmáticos referindo-se directamente a acções concretas, são os provérbios, as máximas morais e lendas.

Na cultura moçambicana, pedir foi sempre preferido e aconselhado em relação ao acto de roubar. Quando conversamos com os mendigos de sextas-feiras, principalmente os mais jovens, constatamos que alguns conhecem e guiam-se pelo provérbio, "mais vale pedir do que roubar" ou "sei que sou pobre mas vale pedir do que roubar" ou ainda, "dá-me também".

Ora:

" (...) não gosto de pedir para ter qualquer coisa para comer. No princípio até sentia muita vergonha de pedir aos outros. Mas parei e pensei que vale a pena pedir do que roubar. Roubar traz problemas, mas ser pobre e pedir não é mal"⁵⁴.

O terceiro nível e o último, refere-se às teorias explicativas pelas quais um sector institucional é legitimado em termos de conhecimento. Neste nível podemos incluir os procedimentos institucionais que resultam de certas concepções que se têm em relação ao fenómeno mendicidade. Estas explicações são confiadas a pessoal especializado, devido a sua complexidade.

Existe uma ideia de que a mendicidade é um mal que afecta a sociedade, daí a combatê-la; os mendigos são um mal para a sociedade, os mendigos vistos como socialmente marginalizados no sentido de que são excluídos da sociedade. Sendo um mal para a sociedade, eles passam a ser objectos de reacções por parte de outros.

⁵³ Informante 1, do sexo feminino, residente no bairro da Matola Fomento, pedinte na cidade de Maputo, e entrevistado na Av. Josina Machel.

⁵⁴ Informante 2, 31 anos, sexo masculino, residente do bairro da Machava Socimol e pedinte na cidade de Maputo. Entrevistado na zona baixa da cidade, na Av. Guerra Popular.

Por último fechamos a nossa análise com o processo de interiorização da "mendicidade de sextas-feiras", que nos propomos a apresentar de seguida.

V. v. Interiorização da "mendicidade de sextas-feiras"

Segundo Berger & Luckmann, (1991:173) a interiorização "é a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrém, que desta maneira se torna subjectivamente significativo para mim" (Idem: 174).

Em outras palavras, a interiorização é o processo pelo qual se subjectiva, ou seja, se interioriza a realidade objectiva. O mundo social objectivado é reintroduzido na consciência do indivíduo. Isto não quer dizer que compreenda o outro adequadamente, mas a subjectividade dele é objectivamente acessível a mim e torna-se dotada de sentido. A interiorização constitui, em primeiro lugar, a base de compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, a apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.

O processo pelo qual a interiorização se realiza é a socialização⁵⁵ que pode ser entendida como a "ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objectivo de uma sociedade" (Idem:175). É na socialização onde os indivíduos incorporam as normas, os valores e todo um conjunto de conhecimentos que os vão permitir viver em sociedade.

O mendigo não nasce mendigo. Ele nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se mendigo. Antes de entrarem para a mendicidade estes já

⁵⁵ A descrição da socialização de Berger & Luckmann apoia-se na teoria de socialização de G. Mead e para mais detalhes vide Mead cit. por Carvalho Ferreira et al, 1995

experimentavam condições de vida próximas àquelas que têm agora quando mendigas, ou seja, as suas condições de vida já eram vulneráveis em termos de precariedade económica, habitacional, de consumo entre outras, mas não eram considerados mendigos e nem se representavam como tal.

Entretanto, para chegar a situação em que se encontram, isto é, andando pelas ruas pedindo esmola, ocorreu uma série de processos pelos quais eles foram passando. "Batendo com a cabeça" até que numa hora acharam que a mendicidade era uma saída, procuraram essa alternativa. A partir de então, começa um novo processo de aprendizado, uma socialização na rua. Há uma nova forma de viver a vida. Vejamos:

*"Não sou uma pessoa com posses e nunca tive. Mas antes de vir para a rua pedir esmola, eu tinha um marido que cuidava de mim e dos meus filhos. Eu fazia trabalhos domésticos para ajudar na compra de mais alguma coisa para casa. Depois da morte do meu marido, a situação em casa ficou mais complicada. Parei e pensei nos meus filhos. Pensei muito. Não queria que eles se tornassem vagabundos de rua. Por isso estamos todos à rua para pedir. Não foi fácil começar este trabalho porque não estava habituada a este tipo de vida"*⁵⁶.

Ou ainda:

*"Tornei-me deficiente e nunca tive um emprego. Sempre trabalhei por conta própria para sustentar a minha família. As coisas complicaram-se mais e fiquei incapacitado de trabalhar. Pensei muito no que fazer e, não me restava outra alternativa senão pedir esmola. Não tenho nenhum tipo de assistência por parte do Estado. Daí que aprendi a depender de outros para poder se alimentar, o que não é nada fácil"*⁵⁷.

Como refere Worsley (1983), a socialização é um dos aspectos de toda e qualquer actividade em toda a sociedade humana. Tal como aprendemos um jogo jogando-o,

⁵⁶ Informante 1, 46 anos, sexo feminino, residente do bairro do Zimpeto e pedinte na cidade de Maputo, entrevistado na zona baixa da cidade, Av. Guerra Popular.

⁵⁷ Informante 2, sexo masculino, 46 anos, ouvido também na Av. Guerra Popular, residente no Bairro de Xiquelene.

aprendemos a viver vivendo. Somos socializados através das próprias actividades em que participamos, por isso, a socialização é algo que se prolonga a vida fora. Ela nunca é acabada.

O mendigo quando entra para a mendicidade, absorve os papeis e as atitudes dos outros significativos, isto é interioriza-os, torna-se capaz de identificar a si mesmo e os outros significativos e de adquirir uma nova identidade. Entretanto este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialéctica entre a identificação pelos outros significativos e a auto-identificação, entre a identidade objectivamente atribuída (quando ele é identificado pelos outros que é mendigo) e a identidade subjectivamente apropriada (quando por si mesmo se identifica como mendigo).

Ora:

" É difícil viver esta vida. Aprendi a viver esta vida com os outros que pedem esmola aos comerciantes. Tive que aprender a depender dos outros para comer. É vergonhoso para quem deveria cuidar de nós. É pela fome que ando a pedir"⁵⁸.

Outra:

" (...) entrei para a mendicidade através duma amiga. Eu nada tinha para viver, mas ainda não tinha coragem para pedir. Para quem não está habituado a viver de pedir não é fácil andar a pedir. Sempre que ando a pedir saio com a minha amiga"⁵⁹.

Quando questionados sobre a forma como interiorizam e vivem essa mendicidade e o que pensam das pessoas a sua volta, é consenso de todos dos mendigos que é uma situação difícil. Esta resume-se no sofrimento e, só quem vive essa situação é capaz de perceber o quão doloroso é ser um mendigo, segundo os nossos entrevistados.

⁵⁸ Informante 3. Da história de vida de um mendigo do sexo masculino, ouvido na zona baixa da cidade, na Av. Guerra Popular

⁵⁹ Informante 4. Uma outra história de vida, do sexo feminino, ouvida também na zona baixa da cidade, na Av. Karl Marx:

Isto prende-se pelo facto de já terem experimentado uma vida diferente, embora essa tenha sido em condições que também se podem considerar vulneráveis, tais como, emprego de baixo rendimento, vulnerabilidade de bens de consumo como, dificuldades no acesso a educação, saúde, habitação entre outras. Alguns tinham um emprego, um salário, uma alimentação razoável, mandavam os filhos à escola, enfim, satisfaziam algumas das suas necessidades básicas.

Sem emprego, sem Assistência Social por parte do Estado para alguns casos e, quando esta existe por vezes insuficiente para verem as suas necessidades satisfeitas, têm que recorrer à outras pessoas.

Os mendigos consideram ainda, que é doloroso saber que os outros pensam que ele é mendigo, pobre, que não tem nada para comer e que sobretudo é sofredor. Esta situação agrava-se ainda quando este está capacitado para o trabalho. Ele pensa que os outros o vêem como "algo inútil", "uma pessoa sem importância", um indivíduo que "não gosta de trabalhar", "um fracassado," um "infortunado", um abandonado "à sua sorte".

Para além destes atributos, existe uma percepção por parte da sociedade de que eles vivem nas ruas, não têm família e nem têm casas. Há pessoas que os desprezam e pensam que para além do que ganham da mendicidade, recorrem às lixeiras para ter mais algo. Os dados da pesquisa mostram que a maior parte dos entrevistados não se considera mendiga, embora vivam da assistência ou esmola dos comerciantes. São apenas consideradas mendigas, os deficientes e idosos doentes. Vejamos:

"Eu não sou mendigo embora ande a pedir nas lojas todas as sextas-feiras. Mendigo é aquele que não consegue trabalhar como os deficientes e idosos. Eu estou nesta situação porque não tenho emprego e tenho uma família para cuidar. Nunca me considereei mendigo, por isso nos outros dias tenho feito outros trabalhos"⁶⁰.

⁶⁰ Informante 5. Do sexo masculino, 32 anos, entrevistado na Rua Joaquim Lapa, residente no bairro de Xiquelene.

Quando são tratados como "pobres" eles vêem o seu orgulho ferido, isto porque a categoria pobre é acompanhado por estereótipos na sociedade. O mais grave é o sentimento que os mendigos têm quando sabem que não podem ter o que as outras pessoas têm. Interiorizar este sentimento é a coisa mais difícil, embora para alguns exista uma percepção de que a sociedade está dividida entre "os que têm" e "os que não têm". Vejamos o resumo dos depoimentos dos nossos entrevistados:

*"A vida de mendigo não é fácil. Antes de entrar para a mendicidade tínhamos, uma família unida e respeitada, tínhamos um trabalho, embora o que ganhássemos não fosse muito. Agora temos que viver da ajuda de outras pessoas, embora nos restantes dias façamos pequenos trabalhos"*⁶¹.

"Um mendigo é como se fosse um livro aberto, porque andamos nas ruas e mostramos para toda a gente que somos sofredores. A fome fala mais alto e a vergonha fica de lado".

"Não sofremos somente porque não temos nada para comer, mas também porque para comer temos que mostrar para os outros que não fomos capazes de nos sustentar a nós próprios. Para algumas pessoas ser mendigo é não querer trabalhar, por isso há locais onde somos bem vindos e outros não. Mas temos que sobreviver e é isto que faz com que estejamos nas ruas".

Este lado "subjectivo" dos mendigos, ou seja, o lado que tem a ver com o que os mendigos pensam deles próprios e como vivem essa mendicidade é considerado pelos mendigos como o lado mais doloroso do que o simples facto de, a dado momento, ter dificuldades em satisfazer as necessidades básicas mínimas. Este sentimento torna-se mais difícil quando se trata de transmitir este lado para os seus dependentes como acontece com as famílias inteiras que vivem da mendicidade e que lhes restam poucos meios alternativos de sobrevivência.

⁶¹ Retirado do resumo dos extractos das histórias de vida dirigidas aos mendigos das sextas-feiras entrevistados na Zona Baixa da cidade de Maputo.

Nestes casos é o sentimento de que "mais vale pedir que roubar" que fala mais alto. Isto porque ser pobre significa para a maioria a perda de privacidade e de orgulho próprio. O mendigo expõe a sua pobreza aos olhos de todas as pessoas. Se não o fizer nada terá para comer, necessidade esta fundamental. Ele mostra para a sociedade inteira que é um sofredor e, este é o lado mais difícil mas também uma estratégia de vida.

Capítulo VI

Considerações finais

Utilizando o estudo de caso da zona Baixa da cidade de Maputo, o presente trabalho procurou fazer uma etnografia do presente da realidade "mendicidade de sextas-feiras". Por um lado, procuramos descrever e analisar a caridade muçulmana praticada pelos comerciantes, em particular, os critérios que eles usam para definir a mendicidade e, por outro, descrever e analisar a forma como os "mendigos" procuram satisfazer esses critérios definidos pelos comerciantes no contexto da esmola.

Para atingirmos os nossos objectivos, partimos das hipóteses segundo as quais, por um lado, existe uma relação entre a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade islâmica que se exerce precisamente nesse dia, o que contribui para uma forma específica de pobreza ("a mendicidade de sextas-feiras"). E, por outro, que a "mendicidade de sextas-feiras" é uma construção social.

Tendo como opção um trabalho em meio urbano, a zona da Baixa, constituída maioritariamente por estabelecimentos comerciais explorados por uma população muçulmana, permitiu-nos contextualizar a nossa pesquisa, num espaço em que foi possível perceber a dinâmica da construção social da "mendicidade de sextas-feiras".

Com efeito, a caridade que tem sido dada pelos comerciantes muçulmanos, embora seja um gesto humanístico ela constitui um efeito perverso ao preconizado pelos dadores da esmola. Ela implicitamente produz, neste caso concreto "a mendicidade de sextas-feiras", ou seja, ela torna visível um tipo específico de mendicidade.

Em sociologia fala-se de "Funções manifestas e Latentes". Isto porque as práticas sociais têm sempre dois fins: um manifesto e outro latente. As manifestas, são aquelas em que os indivíduos têm consciência delas, as compreendem, as desejam e contribuem para ajustar um determinado sistema social.

Os comerciantes ao darem esmola procuram sobretudo cumprir com um dos princípios básicos enraizados nos ensinamentos da própria religião, que é o de dar assistência aos necessitados, de "mostrar solidariedade" e, por via disto, adquirirem os meios de salvação que a prática lhes proporciona.

Contrariamente, as latentes são todas as práticas em que os indivíduos não as compreendem e não as desejam. Estas últimas se referem as consequências não intencionais. Portanto, não intencionalmente a caridade que se exerce às sextas-feiras produz uma mendicidade específica. Certamente que os comerciantes não a querem, não a compreendem, nem a desejam. Produzir a mendicidade nunca foi algo procurado nem previsto por parte dos comerciantes.

No contexto da "mendicidade de sextas-feiras", o estudo identificou um conjunto de estratégias e táticas utilizadas, quer pelos comerciantes quer, pelos mendigos que funcionam como requisitos básicos para que ambos actores sociais alcancem os objectivos preconizados nas práticas das suas acções.

As estratégias, são utilizadas pelos comerciantes e, estas são capazes de produzir mapear e impor. Isto porque os critérios de selecção das pessoas que têm direito à assistência dependem dele próprio. Toda a racionalização estratégica lhe postula um lugar susceptível de ser circunscrito como algo próprio, um lugar de poder e querer próprio.

A pesquisa constatou que os comerciantes usam dois tipos de critérios para dar assistência e, que em simultâneo, definem os seus mendigos; quem merece ser ajudado ou não; quem deve ser considerado pobre ou não. Assim, os idosos e os deficientes são considerados "verdadeiros mendigos". Estes são tidos como os mais vulneráveis e sem capacidades para trabalhar. Os jovens e as crianças são os que têm mais dificuldades de serem aceites como "mendigos".

Estamos assim perante uma situação em que há uma dose de racionalidade nos critérios de definição do mendigo. Embora a esmola seja destinada aos pobres, o mendigo é aceite quando este é demonstrável logicamente, ou seja, de forma objectiva. A necessidade por si só não basta para definir o mendigo. A idoneidade e a condição física determinam, em grande parte, para se ser receptor da esmola.

Do lado dos mendigos, os resultados da pesquisa mostram que os que têm dificuldades em serem aceites como mendigos, em particular, os que se encontram fora dos critérios definidos pelos comerciantes (jovens, adultos e crianças) utilizam as tácticas nas suas operações do quotidiano. Estas referem-se a acção calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Ele para ser aceite como tal, joga com o terreno que lhe é imposto. Aproveita as ocasiões e consegue receber esmola onde por vezes não lhe é cedida.

No conjunto de suas tácticas, incluem as tácticas de persuasão para convencer aos comerciantes que ele deve ser receptor da esmola. Esta por sua vez pode apresentar-se de forma activa e defensiva. Na argumentação activa, o mendigo procura convencer ou persuadir o comerciante. O mendigo para convencer dispõe de provas de que é um indigente.

Na argumentação defensiva, o mendigo coloca as objecções às razões da outra parte, neste caso às do comerciante. Ele contesta e rejeita os argumentos do comerciante. Para isso, invoca princípios e pormenores de carácter secundário a saber, o estilo do argumento, que procura que seja o comerciante a falar em primeiro lugar, para de seguida ele usar vários argumentos, passando dos factos os valores e princípios. Uma outra táctica está relacionada com o tom de linguagem, que é ponderada. É habitual o uso de um tom moderado, isto porque o mendigo reflecte sobre o que poderá acontecer se não chegar a um acordo negociado com o dador da esmola.

De um modo geral os mendigos procuram responder as expectativas dos comerciantes em relação ao que se pensa e espera de um mendigo. É também na

perspectiva do próprio mendigo que este último é considerado uma pessoa necessitada, que vive em situação de pobreza extrema que o leva à rua. Entretanto, para além deste aspecto, considera-se o facto de se não ter um marido, para o caso das mulheres desamparadas; o vestuário e os objectos que trazem sempre consigo para a identificação do que pode vir a ser um mendigo na sociedade.

As razões de se considerarem estes últimos atributos prendem-se pelo facto destes constituírem uma das tácticas para se ser receptor da esmola sem grandes dificuldades, sobretudo se a pessoa é mais jovem. Estas diferenças podem ainda ser explicadas pelo facto de o mendigo sobretudo estar do lado de quem deve fazer de tudo para ser aceite pelo dador da esmola como um mendigo.

Como se pode depreender a ajuda providenciada aos mendigos é determinante na constituição desta categoria social distinta. A "mendicidade de sextas-feiras" não existe como a descrição duma condição essencial.

Por um lado, o mendigo torna-se mendigo, ou seja, começa a existir a partir do momento em que passa a receber assistência por parte de outros segmentos da sociedade, ou por ser objecto de reacções de outros. Isto é, o mendigo passa a ser mendigo por receber assistência por parte de certos indivíduos na sociedade. Os comerciantes inventam ou definem os seus mendigos, pobres ou indigentes de sextas-feiras. Por outro lado, o próprio mendigo é dotado de um conhecimento prático que lhe permite agir no contexto da esmola.

Assim, a condição dos mendigos de sextas-feiras não é portanto, uma condição essencial. Ela existe, ou torna-se visível a partir do momento em que os comerciantes por um lado, procuram ajudar os pobres dando assistência aos seus pobres e, por outro lado, os próprios mendigos procuram responder aos critérios estabelecidos pelos comerciantes para serem aceites como mendigos de sextas-feiras.

A "mendicidade de sextas-feiras" é uma construção social. Existe na sociedade, no caso, no contexto da esmola, uma certa noção do que é um mendigo e como este deve se portar. Esta noção é definida pelos próprios actores sociais que participam nesse contexto da esmola. Em outras palavras, existem os "definidores da realidade", que são, de um lado, os comerciantes e, do outro, os mendigos que acabam institucionalizando a mesma realidade através das suas práticas sociais. Estas práticas acabam legitimando a mesma realidade social.

Por seu turno, a "mendicidade de sextas-feiras" embora encontre um estímulo na caridade islâmica que se exerce precisamente às sextas-feiras e, que esta por sua vez, crie um tipo específico de pobreza, este estudo de caso, também tornou-se visível o efeito das políticas económicas e sociais introduzidas pelo Estado na década 90, bem como as alternativas utilizadas pelas populações face a essas carências.

O impacto social dos Programas introduzidos pelo Estado na mesma década, a título de exemplo, o Subsídio de Alimentos para as populações vulneráveis foi apontado pelos comerciantes assim como pelos próprios mendigos como um dos factores que também compelem a maior parte dos mendigos à mendicidade. Em muitos casos, este programa tornou-se restrito e insuficiente.

Associado aos problemas que a cidade de Maputo enfrenta, em particular, o seu desenvolvimento urbano não acompanhado pelo respectivo desenvolvimento social e económico, associada a desintegração social, desenvolveram um terreno favorável que por sua vez compeliaram a maioria da população que vivia em péssimas condições de vida à mendicidade como uma alternativa para o mínimo de sobrevivência. Assim, estas pessoas encontram um estímulo na caridade que se exerce às sextas-feiras.

Por último, a família entendida como corpo institucionalizado e agente de socialização, onde através das relações de cooperação estabelecidas se faz a socialização dos seus membros, ela produz valores e regras (no sentido Durkheimiano) com vista a coesão dos seus membros.

Com efeito, ela estrutura e revela os modos como as pessoas se organizam e se pensam na sociedade ao mesmo tempo que se elaboram estratégias de adaptação e mudança social. No contexto da mendicidade ela transmite para os seus membros uma "cultura de mendigos".

O estudo de caso na zona da Baixa da cidade de Maputo mostrou que a maior parte de mendigos vêm de uma família em que todos os membros, desde os pais, avós, irmãos e netos, mendigam. Há uma transmissão de hábitos e costumes de onde, como e quando mendigar, de tal forma que os seus membros possam ser aceites como tal.

A família assume uma identidade de mendigo. Entretanto, ser mendigo não implica apenas viver o lado material da pobreza, ou seja, não ter o mínimo para a sobrevivência, mas também implica interiorizar essa realidade. Viver na mendicidade implica sobretudo a perda de privacidade e de orgulho próprio. Isto porque o mendigo expõe a sua pobreza à sociedade para poder ter com que sobreviver. Estamos a falar do lado subjectivo da pobreza.

Assim, a "mendicidade de sextas-feiras" constitui-se, por um lado, através da realidade objectiva, quer através do processo de institucionalização, estoque do conhecimento, sedimentação e legitimação e, por outro lado, através da realidade subjectiva, no processo de interiorização. A "mendicidade de sextas-feiras" é uma construção social. Berger & Luckmann diziam que "a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objectiva; o homem é um produto humano"(Berger & Luckmann 1991:87).

Referências Bibliográficas

- ❖ Abdalati, H. 1999: *O Islão em Foco*. Kuwait: África Muslim Agency.
- ❖ Andrade, X. et al. 1998: *Famílias em Contexto de Mudanças em Moçambique*. WLSAMUZ Departamento de Estudos e Género. CEA. UEM. Maputo: Imprensa Universitária.
- ❖ Aquimo, L. 2001: "Esmoleiros da Cidade de Nampula". In: Estudos Moçambicanos: *Habitantes do mundo problemático*- nº18. Maputo: CEA. UEM. (pp.181-200).
- ❖ Bastos, L. da R. et al. 1995: *Manual para a Elaboração de Projectos e Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias*. Rio de Janeiro: LTC. 4ª edição.
- ❖ Berger, P. & Luckmann, T. 1991: *A Construção Social da Realidade*. Petrópoles: Vozes. 9ª edição.
- ❖ Buque, S. 2003: "Rede de Protecção Social em Moçambique: estudo de caso na cidade de Maputo". Comunicação apresentada no Seminário Nacional sobre "Segurança social em Moçambique: HIV/SIDA". Outubro. Maputo: MMCAS. (Mimeografado). (pp. 1-14).
- ❖ Certeau, M. de. 1996: *A Invenção do Quotidiano*- Artes de Fazer. Petrópoles: Vozes. 2ª edição.

- ❖ Dicionários Editora. 1998: *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. 8ª edição.
- ❖ El Hayek, S. 1994: *Alcorão Sagrado- O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo: Marsam Editora Jornalística.
- ❖ Escorel, S. 2002: "Agenda Pública: Pessoas que Moram na Rua". In: FAPERJ. *Agenda Pública- Drama Social*. Rio de Janeiro: Auto FAPERJ. 2ª edição. (pp.125-150).
- ❖ Esteves, A. 1989. "A Investigação-Acção". In: Silva, A. & Pinto, J. (orgs). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto. Edições Afrontamento. (pp. 251-278).
- ❖ Ferreira, C. et al. 1995: *Sociologia*. Lisboa: McGraw-Hill.
- ❖ Giddens, A. 2000: *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª edição.
- ❖ Godelier, M. 1970: *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- ❖ Goffman, E. 1981: *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- ❖ Harairi, A. 1987: *O Caminho para o Islamismo*. Durban: Southern Africa Islamic Youth Conference.
- ❖ Hinnells, J. (org.) 1984: *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Cultrix.
- ❖ Hvinden, B. [s.n.t.]: *Poverty, Exclusion and Agency*.

- ❖ Instituto Nacional de Estatística. 1998: "II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997- Resultados Definitivos, Cidade de Maputo". Relatório de Pesquisa. Dezembro. Maputo: INE.
- ❖ Jesuíno, J. C. 1996: *A Negociação- Estratégias e Táticas*. Lisboa: Texto Editora. 2ª edição.
- ❖ Leme, M. da S. 1989: "O Impacto da Teoria das Representações Sociais". In: Sink, M. J. (org.). *O Conhecimento no Quotidiano- As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social*. [s.l.]: Editora Brasilense. (pp. 47-57).
- ❖ Massinga, C. 1998: "Mendicidade". In: Alvo. *Política da Acção Social para Moçambique. Trabalho comunitário o que é?* Revista trimestral- nº2. Maputo: MICAS. (pp. 19).
- ❖ Meneses, I. & Lourenço, A. 2000: "A Mendicidade, Causas, Estratégias". Relatório final sobre a Mendicidade em Moçambique. Maputo: MMCAS e INAS. (pp. 1-26).
- ❖ Merton, R. 1970: *Sociologia- Teoria e Estrutura*. São Paulo: Mestre Jou.
- ❖ Ministério do Plano e Finanças. 2001: "Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA 2001-2005)". Documento de Estratégia e Plano de Acção para a Redução da Pobreza e Promoção do Crescimento Económico. Junho. Maputo: MPF. (pp. 1-124).
- ❖ Ministério do Plano e Finanças. 1998: "Pobreza e Bem-estar em Moçambique. Primeira Avaliação Nacional (1996-1997)". Relatório de Avaliação da Pobreza em Moçambique. Maputo: MPF, UEM e Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares:

- ❖ Ministério do Trabalho. 2002: "Estatísticas do Mercado de Trabalho". XV Conselho Coordenador. Outubro. Maputo: Ministério do Trabalho. (Mimeografado). (pp. 1-9).
- ❖ Oliveira, E. 2002: "O povo e o Papel da Fundação Leão XIII". In: FAPERJ. *Agenda Pública- Drama Social*. Rio de Janeiro: Auto FAPERJ. 2ª edição. (pp.113-120).
- ❖ Oppenheimer, J. & Raposo, I. 2002: *A Pobreza em Maputo*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- ❖ Quivy, R. 1992: *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ❖ Rodolfo, M. et al. 1999: "Relatório de Pesquisa sobre a Mendicidade na Cidade de Tete". Março. Tete: MICAS.
- ❖ Rodrigues, J. & Silva Filho, D. 2002: "População de Rua. Uma TV a Rampa do Metrô e outras Formas de Inclusão da Pobreza nas Ruas". In: FAPERJ. *Agenda Pública- Drama Social*. Rio de Janeiro: Auto FAPERJ. 2ª edição. (pp.67-112).
- ❖ Schutz, A. 1979: "Fenomenologia e Relações Sociais". In: Helmut, R. (org.). *Textos Escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores- Biblioteca de Ciências Sociais. (pp. 51-309).
- ❖ Serra, C. 2003: *Em Cima de uma Lâmina- Um estudo sobre Precaridade Social em Três Cidades de Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária. UEM.



- ❖ Triviños, A. 1987: *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais- A Pesquisa Qualitativa em Educação: O Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo*. São Paulo: Atlas S.A.
- ❖ Worsley, P. 1983: *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ❖ Zimba, A. 1999: "Esmola em Nampula, um Fenómeno Social que Constitui um Desafio para a Acção Assistencialista". In: Alvo. *Mendicidade: um Mal que Afecta a Sociedade*. Revista trimestral - nº3. Maputo: MICAS. (pp.2-3).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MENDICIDADE DE
SEXTAS-FEIRAS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS
SOCIAIS RELACIONADAS COM A MENDICIDADE
NA CIDADE DE MAPUTO

ANEXOS:

Modelo de análise

Guião para entrevista dirigido aos comerciantes

Guião para entrevista dirigido aos mendigos

Tabelas

Imagens

Modelo de análise

✓ 1. Variáveis:

a) Mendicidade de sextas-feiras Vs b) Caridade Islâmica

✓ 2. Dimensões da mendicidade de sextas-feiras:

✓ a) **Pessoal:** mendigos. **Indicadores:** sexo, idade, deficiência (física e visual), vestuário, desamparo,

b) **espacial:** estabelecimentos comerciais. **Indicadores:** lojas

c) **temporal:** sextas-feiras (mais ou menos das 8h.30mim-12h.30)

✓ 3. Dimensões da Caridade Islâmica

a) **Pessoal:** praticada pelos comerciantes muçulmanos. **Indicadores:** influência do Islão no quotidiano dos muçulmanos.

b) **espacial:** estabelecimentos comerciais. **Indicadores:** lojas

c) **temporal:** sextas-feiras.

d) **assistencial:** ofertas (a própria esmola). **Indicadores:** gêneros e dinheiro.

e) **sócio-religiosa:** praticada por generosos. **Indicadores:** valores religiosos.

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais

A Construção Social da "mendicidade de sextas-feiras": um estudo sobre práticas sociais relacionadas com a mendicidade na cidade de Maputo

Guião para entrevista dirigido aos comerciantes:

Dados Pessoais

1. Nome (podendo ser fictício)
2. Idade (caso seja difícil determinar, podendo ser aproximada)
3. Profissão ou ocupação
4. Religião que professa
5. Posição dentro do estabelecimento comercial.

Relação entre a caridade islâmica e a "mendicidade de sextas-feiras"

1. Às sextas-feiras costuma oferecer algo as pessoas? (em caso de oferecer, diga quem são essas pessoas que têm recebido algo de si)
2. Porque é que dá esmola às sextas-feiras?
3. Que objectivo pretende alcançar, ou seja, porque a faz?
4. O que significa essa oferta?
5. O que costuma oferecer? E em troca, o que acha que recebe?
6. O que é para si um mendigo?
7. Como sabe que uma pessoa que lhe vem pedir esmola é mendiga? Ou seja, como identifica um mendigo?
8. Como classifica os mendigos? Há diferenças em sua opinião entre as pessoas que as classifica de mendigas?
9. Se existem, quais são essas diferenças? Tem nomes especiais para isso?
10. Como define a mendicidade?

11. No caso de definir a mendicidade em termos de necessidade, o que é para si uma pessoa necessitada?
12. Porque acha que existem necessitados nesta cidade?
13. Como explica a mendicidade na cidade de Maputo?
14. Como organiza o próprio trabalho de dar a esmola? Será que existem pessoas que se responsabilizam por isso?
15. Tem uma lista de mendigos?
16. Para além de dar esmola no seu estabelecimento comercial, existem outros locais onde costuma oferecer a esmola?

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

A Construção Social da "mendicidade de sextas-feiras": um estudo sobre práticas sociais relacionadas com a mendicidade na cidade de Maputo

Guião para entrevista dirigido aos mendigos:

I. Dados Pessoais

1. Nome (podendo ser fictício)
2. Idade (caso seja difícil determinar, podendo ser aproximada)
3. Profissão ou ocupação.
4. Estado civil (considera-se também como casamento a união de facto)
5. Local de nascimento. A quanto tempo vive no Maputo (o que o levou a mudar-se para esta cidade, caso tenha nascido fora desta cidade).

Relação entre a "mendicidade de sextas-feiras" e a caridade islâmica

1. Às sextas-feiras costuma pedir esmola? Em caso afirmativo, a quem pede e onde pede?
2. Porque é que pede esmola às sextas-feiras?
3. Que significado tem a sexta-feira para si?
4. Sabe porque é que os comerciantes dão esmola neste dia?
5. Como vive nos outros dias?
6. Como se prepara para a chegada da sexta-feira?
7. Como vê a ajuda dos comerciantes?
8. Como explica a sua situação (a mendicidade)?
9. O que é para si um mendigo? Considera-se como tal?

10. Como identifica os outros mendigos? Há tipos especiais?
11. Acusa os outros de falsos mendigos? Se já foi acusado de falso mendigo, o que é que fez nessa situação para poder receber a esmola?
12. O que é que pensa dos comerciantes?
13. O que é que sabe que o comerciante pensa dele?
14. Como se apresenta às sextas-feiras? Existe uma roupa específica para esse dia?

Guião para entrevista para as Histórias de vida dirigidas aos mendigos:

I. Dados Pessoais

6. Nome (podendo ser fictício)
7. Idade (caso seja difícil determinar, podendo ser aproximada)
8. Profissão ou ocupação.
9. Estado civil (considera-se também como casamento a união de facto)
10. Local de nascimento. A quanto tempo vive no Maputo (o que o levou a mudar-se para esta cidade, caso tenha nascido fora desta cidade).

II. História de vida

1. Como se tornou mendiga?
2. Como vive essa mendicidade?
3. O que pensa das pessoas a sua volta?

TABELAS

Tabela1.

A tabela ilustra as entrevistas direccionadas aos mendigos que se beneficiam da caridade dada pelos comerciantes junto aos estabelecimentos comerciais.

Ocupação	Sexo	Data da entrevista	Dias de semana que mendiga
Mendigo	F	16/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	16/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	23/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	23/01/04	Todos os dias
Mendigo	F	23/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	30/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	30/01/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	06/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	06/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	06/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	13/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	13/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	13/02/04	Todos os dias
Mendigo	M	20/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	20/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	20/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	27/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	27/02/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	05/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	05/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	F	05/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	12/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	12/03/04	Todos os dias
Mendigo	F	12/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	19/03/04	Sextas-feiras
Mendigo	M	19/03/04	Sextas-feiras

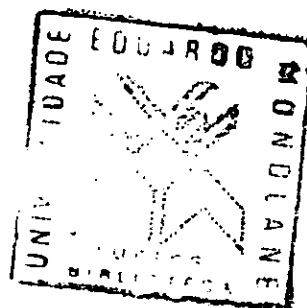


Tabela 2.

A tabela ilustra as entrevistas direccionadas aos comerciantes no contexto da esmola oferecida aos mendigos .

Ocupação	Sexo	Data da entrevista	Dia de semana que oferece esmola
Comerciante	M	23/12/03	Sexta-feira
Comerciante	M	23/12/03	Sexta-feira
Comerciante	F	09/01/04	Sexta-feira
Comerciante	F	09/01/04	Todos os dias
Comerciante	M	16/01/04	Sexta-feira
Comerciante	F	16/01/04	Sexta-feira
Comerciante	M	02/02/04	Sexta-feira
Comerciante	M	02/02/04	Todos os dias

Tabela 3.

A tabela mostra a distribuição da população alvo tendo em conta a ocupação, a idade e o sexo dos entrevistados.

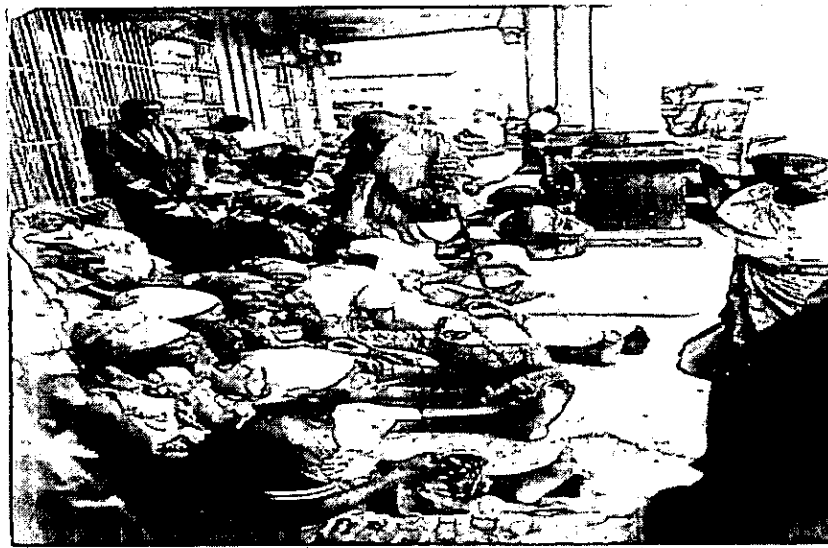
Ocupação	Idade	Sexo F	Sexo M
Mendigo	13-97	12	14
Comerciante	32-68	3	5

Tabela 4

A tabela ilustra os dois últimos censos da população da cidade de Maputo. Fontes: Oppenheimer & Raposo (2002) "A Pobreza em Maputo". Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade e; INE (1998) "II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997- Resultados Definitivos, Cidade de Maputo". Relatório de Pesquisa. Dezembro. Maputo: INE.

Ano	População total	Pobres absolutos	% da população pobre absoluta
1980	539737	81000	15%
1997	966837	462535	47,8%

Imagens



Estas imagens ilustram o quotidiano dos mendigos de sextas-feiras na cidade de Maputo.